

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPG ARTES

Náyade Ângela Gonzaga De Oliveira Santos

DESAFIOS DA ARTE EDUCAÇÃO:

Itinerários e inquietudes de uma jovem docente

BELO HORIZONTE

2023

Náyade Ângela Gonzaga De Oliveira Santos

**DESAFIOS DA ARTE EDUCAÇÃO:
Itinerários e inquietudes de uma jovem docente**

Monografia de especialização apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, da Escola de Belas Artes, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em ensino das artes visuais e tecnologias contemporâneas.

Orientadora: Daniele de Sá Alves



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: **NÁYADE ÂNGELA GONZAGA DE OLIVEIRA SANTOS**, Nº. DE REGISTRO: **2021170204**.

TRABALHO FINAL: **“DESAFIOS DA ARTE EDUCAÇÃO: INQUIETAÇÕES DE UMA JOVEM DOCENTE”**.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 13 de julho de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Profa. Dra. Daniele de Sá Alves (Orientadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Prof. Dr. Geraldo Freire Loyola (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Geraldo Freire Loyola, Professor do Magistério Superior**, em 09/08/2023, às 08:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniele de Sá Alves, Professora do Magistério Superior**, em 09/08/2023, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2531533** e o código CRC **B07FDEA4**.

Dedico este trabalho à minha orientadora, Daniele Alves, que me instruiu e motivou durante minha jornada acadêmica. Ao meu psicólogo Júlio Roberto, por me auxiliar em meu crescimento pessoal e profissional. Às comunidades escolares E.E. Leônidas Marques Afonso e Centro de Desenvolvimento Educacional Vem ser, onde atuo como professora de artes. À minha família e aos meus sobrinhos, que são minha maior inspiração. E, especialmente, a Eliel Marcos, pelo apoio incondicional.

Agradeço a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação e me incentivaram a seguir em frente, mesmo diante das dificuldades. À minha família, amigos, professores, artistas, escritores, músicos, astrólogos, tarólogos, ancestrais e à Espiritualidade, meu profundo agradecimento por seu apoio contínuo e por contribuírem para o sucesso deste trabalho.

“ Nos campos de guerra
Lutei por meus irmãos
Por essa terra
Tombei na serra
Mas meu sonho não ”

(São Jorge – Mc Tha – Composição de Paulo César Pinheiro e
Claudinho Azeredo)

RESUMO

Este trabalho investiga os desafios enfrentados durante a pandemia de Covid-19, no contexto do novo ensino médio, atualmente, vivenciando a realidade da educação pública e, também, privada. Reflexões sobre os desafios de lecionar no formato do ensino remoto, híbrido e presencial, sobre ministrar disciplinas para as quais não possui habilitação, além de conviver com a falta de recursos e estrutura inadequada para o ensino de Artes, são questões que atravessam este trabalho. Com base em revisões bibliográficas, pesquisas de campo e análises reflexivas, o estudo abrange itinerários de minha atuação como docente ao lidar com turmas heterogêneas, que vão desde crianças de 6 anos até jovens e adultos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), englobando também o ensino fundamental anos finais e o novo ensino médio. O trabalho apresenta uma análise dos desafios que vivenciei ao enfrentar um cenário educacional complexo e em constante transformação, destacando minhas estratégias de adaptação e superação. Além disso, são propostas reflexões sobre possíveis melhorias para a atuação de professores de Artes, visando tornar o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente e significativo para os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: arte educação; docência; experiência; desafios.

ABSTRACT

This paper investigates the challenges faced during the Covid-19 pandemic, in the context of the new high school, currently experiencing the reality of public and also private education. Reflections about the challenges of teaching in the remote, hybrid, and face-to-face teaching formats, about teaching subjects for which I am not qualified, besides living with the lack of resources and inadequate structure for Arts teaching, are issues that cross this work. Based on bibliographic reviews, field research, and reflective analyses, the study covers the itineraries of my performance as a teacher when dealing with heterogeneous classes, ranging from 6-year-old children to youth and adults in Youth and Adult Education (YAE), encompassing also the final years of elementary school and the new high school.

The paper presents an analysis of the challenges I experienced when facing a complex and constantly changing educational scenario, highlighting my strategies for adapting and overcoming them. Moreover, reflections are proposed on possible improvements for the performance of Arts teachers, aiming to make the teaching and learning process more efficient and meaningful for students.

KEY WORDS: art education; teaching; experience; challenges.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Digitalização da página do meu Diário de Bordo _____	15
Figura 2 - Sumário do PET vol. 3 – 6º ano fundamental _____	20
Figura 3 - Sumário do PET vol. 4 – 6º ano fundamental _____	21
Figura 4 - Sketchbook, 30 Abr de 2021 _____	23
Figura 5 - Atividade de um estudante: “Semana 4” do PET - Esboço de cartaz sobre a pandemia _____	26
Figura 6 - Trabalho de Tutoria dos estudantes _____	30
Figura 7 - Trabalho de Tutoria dos estudantes _____	30
Figura 8 - Trabalho de Tutoria dos estudantes _____	30
Figura 9 - Atividades dos estudantes do 6º ano sobre Arte Rupestre _____	32
Figura 10 - Atividades dos estudantes do 6º ano sobre Arte Rupestre _____	32
Figura 11 - Atividades dos estudantes do 6º ano sobre Arte Rupestre _____	33
Figura 12 - Atividades dos estudantes do 6º ano sobre Arte Rupestre _____	33
Figura 13 - Cartazes dos estudantes do 8º ano sobre Danças Brasileiras _____	34
Figura 14 - Cartazes dos estudantes do 8º ano sobre Danças Brasileiras _____	34
Figura 15 - Cartazes dos estudantes do 8º ano sobre Danças Brasileiras _____	34
Figura 16 - Cartazes dos estudantes do 8º ano sobre Danças Brasileiras _____	34
Figura 17 - Cartazes dos estudantes do 8º ano sobre Danças Brasileiras _____	34
Figura 18 - Cartazes dos estudantes do 8º ano sobre Danças Brasileiras _____	34
Figura 19 - Esculturas de sabão dos estudantes do 9º ano _____	36
Figura 20 - Esculturas de sabão dos estudantes do 9º ano _____	36
Figura 21 - Esculturas de sabão dos estudantes do 9º ano _____	36
Figura 22 - Esculturas de sabão dos estudantes do 9º ano _____	36
Figura 23 - Esculturas de sabão dos estudantes do 9º ano _____	36
Figura 24 - Esculturas de sabão dos estudantes do 9º ano _____	36
Figura 25 - Projeto Brasilidades _____	39
Figura 26 - Projeto Brasilidades _____	39
Figura 27 - Projeto Brasilidades _____	39
Figura 28 - Projeto Brasilidades _____	39
Figura 29 - Projeto Brasilidades _____	39
Figura 30- Projeto Brasilidades _____	40
Figura 31 - Projeto Brasilidades _____	40

Figura 32 - Projeto “O Artista que habita em mim”	46
Figura 33 - Projeto “O Artista que habita em mim”	46
Figura 34 - Projeto “O Artista que habita em mim”	46
Figura 35 - Projeto “O Artista que habita em mim”	46
Figura 36 - Projeto “O Artista que habita em mim”	47
Figura 37 - Projeto “O Artista que habita em mim”	47
Figura 38 - Projeto “O Artista que habita em mim”	47
Figura 39 - Projeto “O Artista que habita em mim”	47
Figura 40 - Projeto “O Artista que habita em mim”	47
Figura 41- Visitação à Exposição “Os Gêmeos”	49
Figura 42 - Visitação à Exposição “Os Gêmeos”	49
Figura 43 - Visitação à Exposição “Os Gêmeos”	49
Figura 44 - Visitação à Exposição “Os Gêmeos”	50
Figura 45 - Desenho de paisagem: enquadramento - 1º ano	51
Figura 46 - Desenho de paisagem: enquadramento - 1º ano	51
Figura 47 - Criação com argila: forma e escultura. 2º ano	51
Figura 48 - Instalação com as peças de argila - 2º ano	51
Figura 49 - Produzindo esboço da narrativa - 3º ano	52
Figura 50 - Pintando a narrativa - 3º ano	52
Figura 51 - Colagem: A praia- 4º ano	52
Figura 52 - Colagem: A praia- 4º ano	52
Figura 53 - Arte ambiental: Mandala - 5º ano	52
Figura 54 - Arte ambiental: Mandala - 5º ano	52
Figura 55 - Arte e Movimento: Móviles. - 6º ano	54
Figura 56 - Arte e Movimento: Móviles - 6º ano	54
Figura 57 - Arte e Movimento: Móviles - 6º ano	55
Figura 58 - Esculturas em sabão - 9º ano	56
Figura 59 - Esculturas em sabão - 9º ano	56
Figura 60 - Esculturas em sabão - 9º ano	56
Figura 61 - Esculturas em sabão - 9º ano	56
Figura 62 - Esculturas em sabão - 9º ano	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO 1: O início: o impacto da Pandemia de COVID-19	14
2.1 O Ano de 2020	14
2.2 A Pandemia: um novo cenário educacional	17
2.3 O Ensino Remoto E Suas Demandas	17
2.4 Desafios logísticos e de acesso	18
2.5 Os PETs de Arte Educação	18
2.6 O Ensino Híbrido	23
2.7 A realidade escolar durante o Ensino Híbrido	24
2.8 O retorno presencial	26
3. CAPÍTULO 2: Desafios da Docência no contexto do Novo Ensino Médio e Fundamental II	28
3.1 O Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI)	28
3.2 O Ensino da Tutoria e dos Estudos Orientados	29
3.3 O ensino de Artes nas turmas do fundamental 2	31
3.4 As atividades desenvolvidas na disciplina de Artes	32
3.5 O Projeto Brasilidades	37
3.6 Reflexões sobre a experiência pedagógica em Arte	40
4. CAPÍTULO 3: Sobre as vicissitudes da Educação Pública e Privada	42
4.1 Um convite que mudou o rumo: a nova oportunidade em uma escola particular	42
4.2 A continuidade da jornada na Educação Pública: na Escola Estadual Leônidas Marques Afonso	43
4.3 O trabalho como Coordenadora	43
4.4 O início do ano letivo: conhecendo os perfis das turmas da escola particular	44
4.5 Explorando Novas Possibilidades: o Projeto “O Artista que Habita em Mim”	45
4.6 Explorando possibilidades no ensino de Artes nas turmas do ensino fundamental, anos iniciais, na educação privada	50
4.7 O início do ano letivo: conhecendo os perfis das turmas da escola pública	53
4.8 Explorando possibilidades no ensino de Artes nas turmas do ensino fundamental, anos finais, da educação pública	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

1. INTRODUÇÃO

“Deixando essa percepção de lado é que estaremos prontos a nos aproximarmos do sentido mais contemporâneo do artista como aquele que investiga e se dispõe à experiência de criação, que se afeta e se propõe afetar por meio de provocações poéticas, estéticas e também políticas. Que tenta, se arrisca, experimenta, propõe, inventa, integra, que pesquisa, que erra, acerta, pinta, borda, dança, recorta, escreve, canta, problematiza... que inventa a si mesmo e mesma e também o mundo. (ALVES. 2021)

Minha jornada no campo da pesquisa e do ensino das artes começou em 2015, quando entrei para a faculdade de Artes Visuais - Licenciatura, pela Escola de Design (ED), da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Lá, durante a graduação, vivenciei uma série de oportunidades que me permitiram crescer como profissional, educadora e artista.

Minha primeira experiência na docência em artes foi acadêmica, quando lecionei para um grupo de crianças da Escola Municipal Professor Domiciano Vieira, onde atuei como monitora bolsista no Programa Escola Integrada, uma parceria entre a UEMG e a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Essa experiência foi fundamental para desenvolver habilidades como educadora: o ambiente e os horários eram dinâmicos e me permitiram perceber a importância de um momento reservado para os estudantes poderem se expressar artisticamente.

Na faculdade, tive outras experiências na monitoria com as disciplinas de Laboratório Artista Professor (LABAP III), Processos de Criação com Pintura e Pintura I. Nelas, pude aprimorar minhas técnicas como educadora e artista, devido às diversas linguagens de artes, individualidades poéticas e expressão artísticas dos estudantes e professores que convivi.

Essas experiências práticas e acadêmicas foram enriquecedoras, contribuíram para a construção de meu percurso como educadora e consolidaram minha identidade como profissional da educação em artes visuais, além de reforçar meu desejo de seguir como pesquisadora do ensino de artes.

No meu trabalho de conclusão de curso, abordei o tema "Entre a arte e a astrologia: arquétipos como disparadores do processo criativo" (SANTOS, 2018.), sob a orientação da Prof.^a Dra. Daniele de Sá Alves. Busquei explorar na pesquisa a relação entre a astrologia e o processo criativo na arte, especialmente na pintura, buscando construir materiais pedagógicos que estimulem a expressão artística dos estudantes e valorizem sua poética individual.

Nele, pude registrar parte da minha existência, resgatar fragmentos das minhas experiências anteriores e ao longo do curso de Artes Visuais Licenciatura que permitiram a construção do meu fazer artístico e acadêmico, em minha jornada de graduação. Procurei destacar a Astrologia, com referências arquetípicas, conjuntamente a outros elementos, que se revelaram

como potenciais disparadores de manifestações pictóricas no meu processo de descoberta como artista visual Experimentei diversas técnicas e materiais, optando pela linguagem da aquarela como possibilidade estética em minhas produções. Assim, emergiram dessa combinação de elementos, um caminho para a prática docente. Fui aprovada com nota máxima e isso me incentivou a continuar minha jornada.

Após finalizar minha graduação em Artes Visuais Licenciatura na Universidade Estadual de Minas Gerais, voltei para a cidade onde me criei, Jaboticatubas, onde estudei do ensino fundamental ao ensino médio. Jaboticatubas é um município de grande extensão territorial, localizado na região metropolitana de Belo Horizonte, mas com caráter rural. Cerca de 20.000 habitantes vivem aqui. Foi onde tive a oportunidade de, efetivamente, iniciar a trajetória profissional na educação, atuando como professora de artes no Ensino Fundamental – anos finais, no Ensino Médio Regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) após ser contratada para Professora da Educação Básica (PEB) ARTE.

Retornar para Jaboticatubas, causou um choque cultural pelo qual não estava esperando. Depois de alguns anos vivendo em Belo Horizonte, imersa em um ambiente repleto de eventos culturais, exposições de arte e manifestações artísticas de todos os tipos, mudar-me para o interior foi como entrar em um mundo completamente diferente. Aqui, as expressões artísticas são predominantemente religiosas, relacionadas às tradições e festividades locais. Uma cidade que nunca me senti verdadeiramente pertencente e, às vezes, até excluída. Os costumes e a cultura daqui estão fortemente ligados à vida no campo, enquanto eu sempre me reconhecí como uma pessoa de personalidade "mais urbana" e que não pratica e até questiona as religiões predominantes. Tive que lidar com os desafios de readaptação a um mundo completamente diferente do que eu estava acostumada. Neste cenário, percebi a importância de encontrar maneiras de expressar minha identidade em constante construção.

Nesse sentido, inserir momentos de produção artística na minha rotina se tornou fundamental para lidar com as adversidades e desafios das novas rotinas. Através da criação artística, encontrei uma forma de canalizar minhas emoções, explorar minha criatividade e manter viva a minha essência "mais urbana" e nada religiosa, mesmo em um contexto predominantemente relacionado ao agro, à cultura do campo e às religiões cristãs.

Ao assumir o papel de professora de artes, irrompeu a pandemia, o que exigiu o enfrentamento de novos contextos educacionais para os quais não estava completamente preparada. Buscando fomentar o meu lado pesquisadora, participei de cursos de formação, seminários e rodas de conversa sobre arte e educação na ED - UEMG e na Faculdade de Educação (FAE – UFMG). No contexto da pandemia de COVID-19, essas oportunidades se expandiram ao poder participar

de encontros virtuais de faculdades de todo o país. A tecnologia foi uma facilitadora do processo educativo e se tornou uma mediadora no processo de ensino-aprendizagem das artes. A possibilidade de visitar museus, exposições e assistir a espetáculos por meio de dispositivos eletrônicos ampliaram, de certa forma, o acesso à arte. Quando o ensino remoto se tornou uma realidade, em tempos pandêmicos, a tecnologia nos permitiu alcançar os estudantes que estavam afastados do ambiente escolar, compartilhando conteúdos e conhecimentos, transformando a interação entre professor e aluno e a maneira como produzimos e consumimos arte.

Diante de tantas vivências, percebi que o ensino da arte desempenha um papel fundamental e essencial na formação das nossas crianças, jovens e adultos ao oferecer acesso ao conhecimento de diversas culturas e de nossa história, contribui para a construção da memória para as próximas gerações, além de estimular a reflexão, a sensibilidade e a criatividade nas pessoas. Penso que produzir, experimentar e desfrutar as artes, contribui para o bem-estar, nos permitindo comunicar ideias, expressar emoções e criar significado para nossas vidas, além de entender perspectivas e olhares diferentes sobre o mundo.

Atuar como professora-pesquisadora-artista proporcionou mudanças significativas em minha vida, para além da formação acadêmica e da atividade profissional que exerço. Essas experiências têm me moldado como ser humano, alterando minha realidade, minha identidade, minha maneira de me comunicar e expressar. Assim como ocorreu comigo, acredito que ensinar/aprender, pesquisar, produzir, experienciar e fruir em arte, possam ser agentes de mudanças na realidade de inúmeras pessoas.

Neste trabalho falarei sobre meus itinerários na educação, bem como os desafios que enfrentei e enfrento diariamente em minha profissão e como tenho buscado superá-los. Por meio deste estudo, pretendo contribuir para a reflexão de minhas práticas educacionais no campo das artes visuais, buscando formas de engajar os alunos e despertar seu interesse pela arte e pela educação. Ao final deste trabalho, espero apresentar reflexões que contribuam para a construção de um ambiente escolar ou educacional propício ao florescimento das artes e ao desenvolvimento integral das pessoas, tanto meu quanto dos meus educandos, assim como para todos aqueles que se sentirem inspirados por este estudo.

2. CAPÍTULO 1:

O Início: o impacto da Pandemia de COVID-19

“Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu? (KRENAK, 2019)”

2.1 O Ano de 2020

2020. Minha trajetória como professora se inicia neste ano.

Inicialmente, enfrentei o desafio de começar a ensinar. Aqui refiro-me ao ensino como experiência docente prática: minha primeira experiência profissional no ensino.

Há apenas algumas escolas na minha cidade. No fundamental 1, as aulas de Artes geralmente são ministradas pelo educador e professor da turma, geralmente pedagogo/as. No fundamental 2, o professor habilitado em Artes é o responsável pela disciplina. Duas escolas da região contavam com professores efetivos. Havia somente uma escola com cargo de Artes disponível para contratação. No entanto, participei da minha primeira designação do estado, logo após a minha formatura e consegui a vaga.

Designada nos turnos da manhã e tarde, em fevereiro de 2020. Três dias após a contratação, se iniciaram as aulas e junto os desafios da educação pública. Dezesesseis turmas, dezesesseis diários para preencher. Dezesesseis aulas para ministrar semanalmente. Planos de aulas e planos de curso a serem organizados. As turmas cheias, com os mais variados perfis de alunos: estudantes que não sabem ler e escrever, estudantes com necessidades especiais, estudantes que aprendem com facilidade e dominam o conteúdo, estudantes com problemas familiares, econômicos e sociais, todos reunidos na mesma sala. Sala cheia: uma média de 30 alunos por turma para um professor.

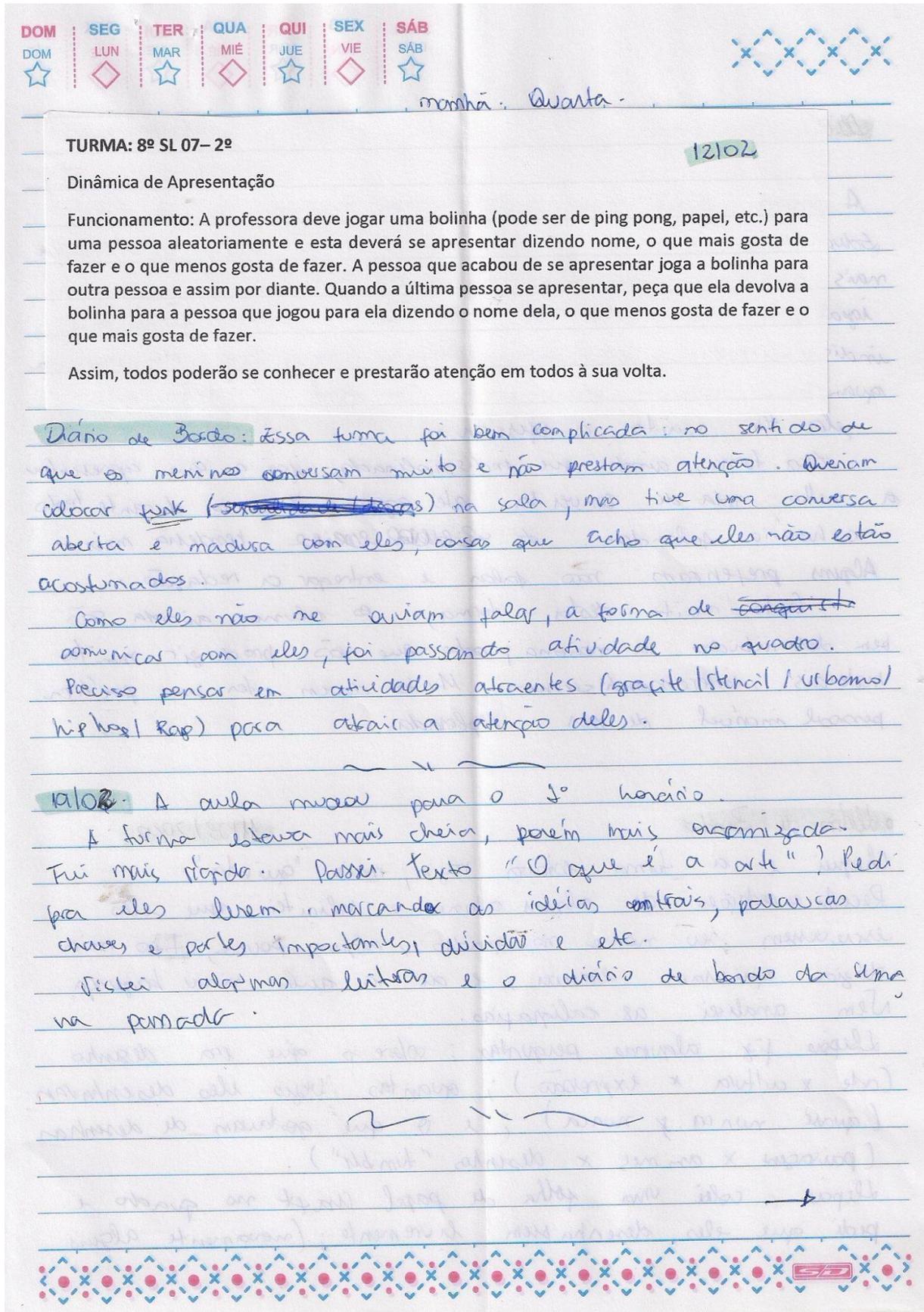


Figura 1: Digitalização da página do meu Diário de Bordo. Fevereiro de 2020. Jaboticatubas. Acervo Pessoal.

A sala de aula é simples, com parede de tijolinhos e janela lateral, ventilador geralmente estragado e às vezes algumas lâmpadas queimadas. Quadro branco e pincel à disposição, carteiras enfileiradas e alinhadas de frente para o quadro. Enfrentar diariamente a precariedade da escola pública é uma tarefa árdua, mas o maior desafio desde aquele ano era o de ensinar Arte.

A professora Daniele de Sá, no texto “Entre experiências e criações: ensinar e aprender arte como processo de formação”, destaca que

Para abrir espaços à experiência da arte e ao desenvolvimento de processos artísticos, friccionando provocações, ideias, materialidades, inquietações, metodologias, suportes e linguagens, é urgente descolar o ensino das artes das atividades ilustrativas. Vivificar a Arte de forma autônoma como campo de conhecimento em si, e não a serviço de, como instrumento de, como caminho para ... (ALVES, p. 176. 2021)

Enfrentar diariamente a baixa infraestrutura da escola, os poucos recursos disponíveis, a diversidade da sala de aula, vinculados a necessidade de dedicação constante enquanto buscava oferecer ensinamentos em artes que estivessem minimamente adequados e condizentes ao que aprendi durante minha formação e minha limitada experiência escolar contribuíram para o surgimento de inquietações constantes. Além disso, sentia-me constantemente confrontada e sobrecarregada diante dos novos desafios.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 22) esclarece-nos sobre a docência:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando desde o princípio mesmo da sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.

Me vi, naquele momento, em pé, de frente para os educandos, observando a diversidade da sala de aula: alguns estavam sentados, outros em pé nas carteiras dos colegas, outros ainda na porta da sala. Alguns tinham cadernos sem pauta e lápis de cor e estavam ansiosos para a aula de Artes, outros não possuíam nenhum material escolar. Como alguém que deveria ser a referência para eles, me questionei como conseguir compartilhar todo o conhecimento que havia adquirido ao longo dos meus cinco anos de formação, considerando as diferentes formas de aprendizagem, as disparidades sociais e econômicas dos estudantes? Como poderia cativar os estudantes e tornar os 50 minutos de aula interessantes? E, além disso, como poderia falar sobre artes, suas imagens, cores, formas, cheiros e texturas, com apenas um quadro branco e um pincel preto disponíveis?

Nesse momento, encontrei suporte nas autoras Maria Heloísa Ferraz e Maria de Fátima de Rezende Fusari em seu livro “*Metodologias do Ensino de Artes*” (2009, p. 17). Elas nos

orientam sobre os modos de abordar a docência em Artes, alinhando-se aos princípios e objetivos de um processo educativo que atenda às necessidades da educação, dos educandos e da cultura artística no mundo contemporâneo. Segundo elas, é necessário organizar nossas propostas de maneira a tornar a Arte significativa na vida das crianças e jovens.

Assim, surge a primeira necessidade: conhecer os estudantes para os quais eu estava lecionando. Era importante entender seus interesses, compreender quem eles eram, quais eram seus anseios e descobrir o que já sabiam sobre artes, bem como quais conhecimentos em Artes teriam significado para eles.

Durante aproximadamente um mês de aula, ministrando uma aula semanal de 50 minutos por turma, iniciei esse processo de conhecer os estudantes. No entanto, esse processo foi interrompido devido à pandemia de COVID-19, que inicialmente paralisou as aulas por 15 dias.

2.2 A Pandemia: um novo cenário educacional

O que era para ser um recesso de 15 dias, até as coisas se normalizarem no mundo todo, se tornou um dos maiores desafios da educação na atualidade. Fomos afastados do ambiente escolar por tempo indeterminado, uma situação até então rara na história da humanidade. Assim como nas ruas, onde víamos poucas pessoas e comércios fechados, as pessoas trabalhando em home-office e apenas os serviços essenciais em funcionamento, além de adaptar nossos hábitos de comportamento: usar máscaras e manter o distanciamento social. Nas escolas, não foi diferente. Elas se tornaram vazias, sem alunos e o corpo docente. O que antes era utilizado para o lazer, como as redes sociais, passou a ser uma ferramenta de trabalho, pois tivemos que buscar ativamente nossos educandos na intenção de nos aproximar deles por meio da internet. E-mails, chamadas de voz, WhatsApp e Instagram se tornaram ferramentas informais de trabalho.

2.3 O Ensino Remoto E Suas Demandas

O estado instituiu o ensino remoto, fornecendo contas de e-mail institucional para docentes e alunos. Tivemos que nos aperfeiçoar e fazer cursos para aprender a lidar com as novas demandas de trabalho que surgiram com o ensino a distância. Em teoria, o sistema deveria funcionar, mantendo todos conectados, mesmo que distantes do ambiente escolar. No entanto, como mencionado anteriormente, Jaboticatubas é uma cidade rural, com uma grande extensão territorial. Muitas localidades não possuem sinal de telefone, quanto mais acesso à internet. Além disso, a maioria dos nossos estudantes enfrenta dificuldades econômicas. Geralmente,

cada família possuía apenas um celular, e a mãe, pai ou responsável pela família precisava disponibilizar seu aparelho pessoal para dois, três, às vezes até quatro filhos que estudavam.

2.4 Desafios logísticos e de acesso

Outro problema enfrentado foi a logística dentro das casas, onde três crianças estudavam no mesmo turno e precisavam dividir o mesmo celular. Isso resultava em dificuldades para acompanhar as aulas remotas que os professores realizavam por meio de videochamadas.

Para tentar contornar tantas dificuldades, o estado disponibilizou os chamados PET (Planos de Estudo Tutorado). No entanto, isso acabou gerando uma perda de autonomia para os professores, que antes planejavam o conteúdo de acordo com as necessidades de aprendizagem de sua turma e se tornaram professores-tutores, responsáveis por intermediar o conhecimento contido nas apostilas padronizadas para todos os alunos do estado.

Essa nova realidade do ensino remoto impôs diversos desafios, tanto no aspecto da infraestrutura quanto no planejamento pedagógico. Na tentativa de superar esses obstáculos e garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia de COVID-19, a escola em que trabalhava adotou medidas para atender às necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem, deficiências visuais e outras dificuldades. Foram disponibilizados os Planos de Estudo Tutorado (PETs) adaptados, bem como fornecidos materiais impressos para os estudantes que não possuíam acesso à internet.

Além disso, novos desafios surgiram, como preparar e ministrar aulas online, atender às necessidades dos alunos nos fóruns de discussão e nas redes informais utilizadas para o trabalho, corrigir atividades e realizar avaliações, bem como preparar materiais adaptados para os estudantes com maiores dificuldades. Além disso, havia burocracias educacionais, como o preenchimento de planilhas e diários com registros e avanços do contato e da aprendizagem dos educandos.

Essa complexa dinâmica exigiu esforço e uma adaptação contínua por parte dos professores, que precisaram desenvolver novas habilidades tecnológicas, buscar recursos educacionais adequados e encontrar formas de engajar os alunos, de maneira significativa, mesmo à distância.

2.5 Os PETs de Arte Educação

Na época, eu lecionava em todas as séries do 6º ano regular do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Utilizamos os Planos de Estudo

Tutorado (PETs) como recurso educacional. Os PETs eram planejados pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, por série, disponibilizados a cada mês e utilizados tanto no Ensino Regular quanto na EJA.

Nos primeiros PETs distribuídos, os conteúdos de Artes foram abordados somente de forma interdisciplinar, apesar de ser uma disciplina obrigatória em todas as séries. Nas apostilas subsequentes, os conteúdos de Artes passaram a ser disponibilizados separadamente.

Uma observação relevante é a falta de sequência nos conteúdos de Artes. Como exemplo, pode-se citar as imagens dos sumários presentes nas apostilas dos volumes 3 e 4 do ano de 2020.

LÍNGUA INGLESA	pág. 74
Semana 1: Compreensão geral e específica: leitura rápida.....	pág. 74
Semana 2: Compreensão geral e específica: leitura rápida.....	pág. 77
Semana 3: Compreensão geral e específica: leitura rápida.....	pág. 80
Semana 4: Compreensão geral e específica: leitura rápida.....	pág. 83
ARTE	pág. 86
Semana 1: Arte abstrata	pág. 86
Semana 2: O Cubismo.....	pág. 91
Semana 3: O que é caricatura?.....	pág. 94
Semana 4: Técnica de Desenho	pág. 96
EDUCAÇÃO FÍSICA	pág. 102
Semana 1: Danças urbanas e seus elementos constitutivos	pág. 102
Semana 2: Esportes de precisão: golfe	pág. 105
Semana 3: Esportes de invasão: <i>frisbee</i>	pág. 110
Semana 4: Esportes de marca	pág. 114
ENSINO RELIGIOSO	pág. 120
Semana 1: Nossa gente, nossos costumes, nossa sabedoria.....	pág. 120
Semana 2: Investigando nossas tradições e registrando os nossos costumes.....	pág. 126
Semana 3: Costumes religiosos, tradições religiosas e narrativas míticas	pág. 129
Semana 4: Costumes religiosos, tradições religiosas e textos sagrados	pág. 133

No volume 3, os conteúdos abordados foram os Elementos da Linguagem, Elementos Visuais: as linhas, formas e cores, História da dança e Elementos da música. No volume 4 foram explorados: A Arte abstrata, O Cubismo, “O Que é Caricatura?” e Técnica de Desenho.

Ao analisar estes conteúdos organizados desta forma, fica evidente a falta de cuidado no planejamento do recurso didático utilizado para o ensino das Artes. Conforme Geraldo Loyola nos orienta:

O material didático para Artes Visuais deve ser instigante e despertar a curiosidade dos alunos, deve “tocá-los esteticamente”, no sentido de provocar estímulos e interesse em saber do que se trata, do que é feito, da possibilidade de experimentá-lo e compreendê-lo etc. (LOYOLA. 2011, p. 9)

Durante a pandemia, foi possível observar um cenário oposto ao desejado. A maioria dos educandos mostrou desinteresse pela educação, não participando das aulas online, deixando de tirar suas dúvidas e aguardando apenas o envio das correções para responder às apostilas e entregar as atividades. Além disso, muitos estudantes não realizaram as atividades propostas nos PETs. Essa falta de engajamento e participação resultou em uma baixa aprendizagem por parte dos alunos.

Essa situação evidencia os desafios enfrentados no contexto do ensino remoto. A falta de interação presencial, as dificuldades de acesso à internet e a ausência de uma estrutura adequada de suporte educacional impactaram negativamente na motivação e no interesse dos estudantes. A falta de acompanhamento mais próximo e a ausência de interações sociais também contribuíram para essa baixa participação e envolvimento dos educandos.

Diante desses desafios, me senti bastante frustrada, questionando minha forma de ensinar e chegando a analisar se estava na profissão certa. Me esforcei para adaptar o currículo, implementando aulas síncronas, enviando vídeos e outros materiais complementares para tentar envolver os alunos e promover uma interação mais significativa. No entanto, apesar de meus esforços, não obtive sucesso em minhas tentativas.

Em meio a tantas ansiedades, descobri uma aliada na arte: inseri momentos de expressão artística em minha rotina. Essa prática permitiu que eu encontrasse uma maneira de lidar com minhas emoções e com o estresse, proporcionando um espaço para relaxar e me expressar. Através da arte, pude encontrar um refúgio e uma forma de recarregar minhas energias, me ajudando a enfrentar os desafios do contexto educacional durante a pandemia de forma mais equilibrada.



Figura 4 - Sketchbook, 30 de abril de 2021. Jaboticatubas. Acervo Pessoal.

2.6 O Ensino Híbrido

No segundo semestre de 2021, após a disponibilização das vacinas contra a Covid-19 e a imunização da população e dos professores, seguindo as orientações dos pesquisadores e cientistas, foi possível retomar as atividades presenciais nas escolas. Essa retomada, no entanto, não foi isenta de desafios e angústias, especialmente devido às consequências psicológicas causadas pela pandemia, como o desenvolvimento de fobias sociais e o medo de aglomerações. Confesso que me senti extremamente inquieta e sobrecarregada. O medo de dar aula presencialmente me assombrava, pois, a incerteza sobre a segurança sanitária era constante. A adaptação ao ambiente social e a retomada das relações pessoais também foram desafiadoras. Sentia-me deslocada e até mesmo ansiosa diante das interações sociais, temendo o contágio e a possibilidade de colocar em risco a saúde dos alunos e colegas, mas também de meus familiares. Nesse momento, minha família enfrentava uma situação delicada. Eu e minhas tias nos revezávamos nos cuidados e no acompanhamento de minha avó, que já tinha 86 anos e enfrentava batalhas contra o câncer, diabetes e outros problemas de saúde. A responsabilidade de protegê-la era enorme, e cada decisão que tomava envolvia a preocupação com a saúde dela. Além disso, havia a alegria do nascimento do meu primeiro sobrinho, mas, ao mesmo tempo, uma tristeza profunda por não poder conviver com ele e compartilhar momentos preciosos devido à necessidade de protegê-lo de uma possível infecção. Era um misto de sentimentos,

uma mistura de alegria e tristeza, que acrescentava uma camada adicional de preocupação e inquietação à minha vida diária.

Essas circunstâncias pessoais se somavam aos desafios profissionais e contribuíam para uma sensação avassaladora de sobrecarga emocional. Lidar com as inquietações da docente em meio a todas essas preocupações pessoais era um verdadeiro desafio, exigindo um equilíbrio delicado entre minha vida profissional e minha vida pessoal.

2.7 A realidade escolar durante o Ensino Híbrido

Como mencionado anteriormente, nossa escola enfrentava limitações estruturais, o que exigiu a implementação de protocolos recomendados pelo governo do estado para evitar a propagação do vírus da Covid-19. Para garantir o distanciamento social, as carteiras, que antes eram dispostas em duplas, foram organizadas individualmente, com um espaçamento de 1,5 metro entre elas. Além disso, foi adotado um sistema de rodízio, no qual cada turma frequentava a escola em dias alternados, a fim de reduzir a quantidade de alunos presentes simultaneamente. O transporte escolar também passou a ser desinfetado diariamente após cada viagem.

Outra medida importante foi a delimitação de um espaço específico para os professores em frente ao quadro, não sendo mais permitido que se dirigissem às carteiras dos estudantes. Além disso, cada indivíduo foi orientado a possuir seu próprio material, incluindo copo ou garrafinha de água, para evitar o compartilhamento. O uso de máscaras descartáveis ou do modelo PFF2 foi obrigatório para todos, assim como o professor sempre portava seu vidro de álcool 70%. A escola também precisou se adaptar fisicamente, instalando dispositivos de álcool em gel por todo o prédio e demarcando espaços com faixas no chão. O público externo foi incentivado a se comunicar com a escola preferencialmente por meio de canais como telefone, celular e e-mail.

Os intervalos, que antes proporcionaram momentos de descontração e interação entre os grupos, passaram a ser preenchidos por solidão e distanciamento, refletindo a necessidade de evitar aglomerações. O compartilhamento de alimentos também foi restringido: as refeições não eram mais realizadas em ambientes fechados, e os alunos, bem como corpo docente, não se sentavam juntos às mesas. A escola, dessa forma, passou a apresentar uma atmosfera distópica, distante do cenário diversificado e animado de antes.

Vale ressaltar que o retorno dos estudantes não era obrigatório. Os professores compareciam à escola para aplicar as atividades propostas nos Planos de Estudo Tutorado (PETs) e sanar as dúvidas dos alunos presentes. No entanto, eles também tinham a responsabilidade de manter o

"Conexão Escola", uma plataforma educacional da empresa Google, fornecida pela Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, atualizada. Nessa plataforma, eram postadas aulas remotas, correções de atividades e respostas às dúvidas dos alunos. Essa dupla ou até tripla jornada de trabalho acabou sobrecarregando os professores.

Além disso, cada vez que ocorria um surto de Covid-19 dentro da escola, era necessário suspender as atividades presenciais novamente, por um período de 15 dias, como medida de prevenção e segurança.

Nesse contexto, o ensino híbrido, que combina atividades presenciais e virtuais, tornou-se uma realidade necessária para garantir a continuidade do aprendizado dos alunos, mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia e pelas restrições sanitárias.

Porém, a dificuldade de me reinserir no ambiente escolar foi evidente. A dinâmica de ensino e aprendizado mudou consideravelmente, e era um desafio conciliar as aulas presenciais com o ensino remoto. Sentia-me sobrecarregada em ter que equilibrar as demandas das duas modalidades, buscando manter a qualidade do ensino e atender às necessidades individuais dos alunos.

Em meio a essas dificuldades surgiram inquietações relacionadas à eficácia do meu ensino nesse novo formato. Perguntava-me se estava sendo capaz de compartilhar os conteúdos de maneira adequada e se os alunos estavam realmente produzindo conhecimentos. A falta de interação presencial e a dificuldade em perceber o engajamento dos estudantes contribuía para essas incertezas, alimentando minha insegurança e questionamentos sobre minha competência como educadora.

Em suma, essa realidade híbrida despertou em mim diversas inquietações, desde o medo de dar aula e reinserir-me no ambiente social, até a preocupação com a eficácia do ensino e a capacidade de atender às necessidades dos alunos nesse contexto desafiador. A jornada foi permeada por emoções conflitantes, exigindo uma constante busca por adaptação e equilíbrio.

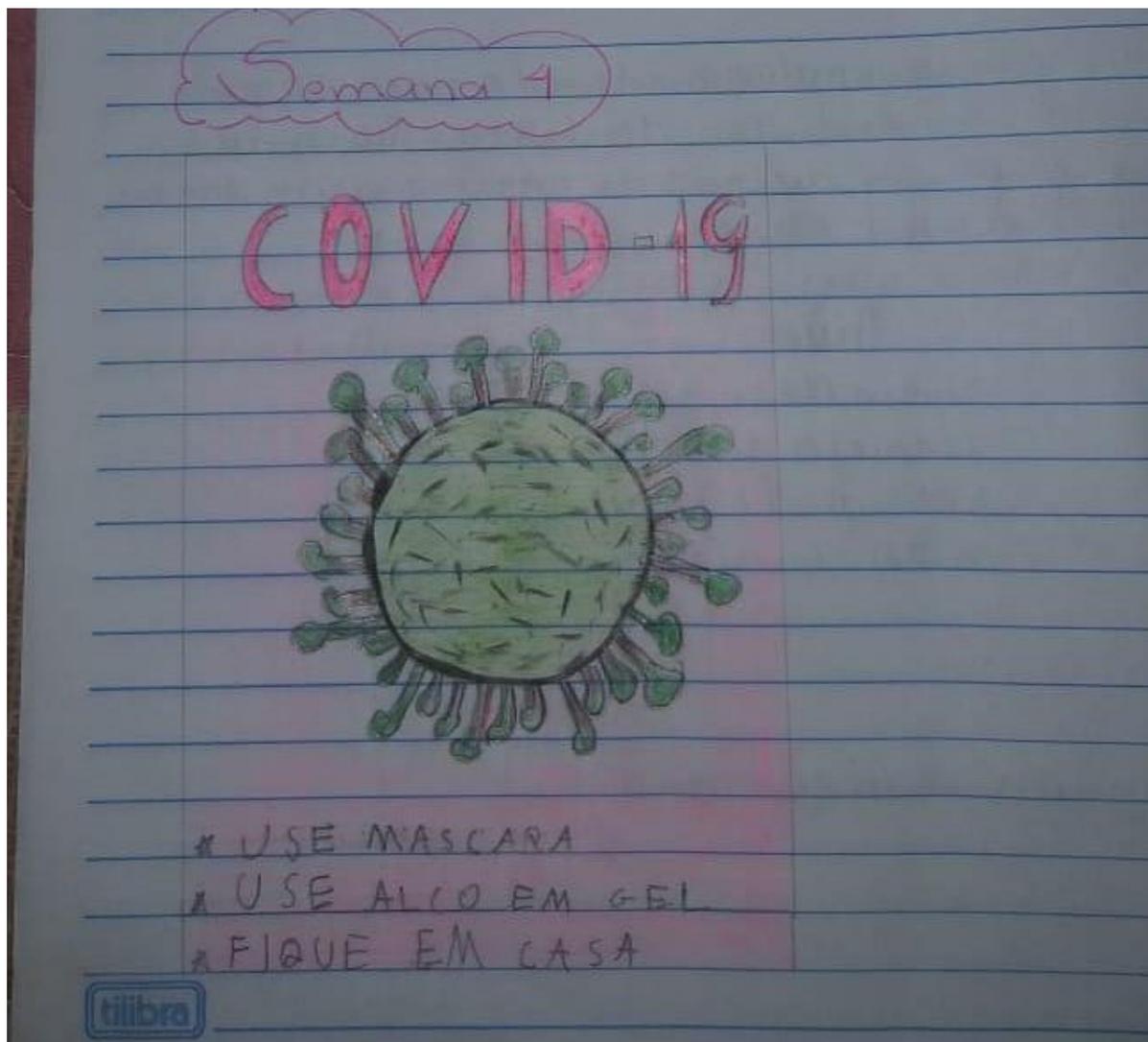


Figura 5 - Atividade de um estudante: “Semana 4” do PET - Esboço de cartaz sobre a pandemia. 24 de junho de 2020. Jaboticatubas. Acervo Pessoal

2.8 O retorno presencial

À medida que novos conhecimentos foram adquiridos em todo o mundo sobre o SARS-CoV-2 (coronavírus), incluindo formas de contágio e prevenção, e com o avanço da vacinação entre a população, incluindo jovens e crianças, o ensino híbrido gradualmente evoluiu para o retorno presencial.

Essa transição do ensino híbrido para o modelo presencial ocorreu de forma gradual e sutil, principalmente no final de 2021, aproximadamente em outubro. As escolas retomaram as aulas presenciais, mantendo, no entanto, os protocolos de segurança. Houve flexibilização em alguns critérios, como a redução da distância entre os estudantes para 1 metro. As turmas puderam retornar à escola em sua totalidade, porém as medidas de higienização e o uso de máscaras

permaneceram obrigatórios. Embora tenha havido uma intensa cobrança para que todos seguissem as orientações de prevenção, foi desafiador obter a colaboração de todos, especialmente entre os jovens.

Diferente dos dois anos anteriores, em que a população enfrentava medo e incertezas, o ano de 2022 foi marcado pela esperança. O retorno à vida coletiva e à rotina escolar, mesmo com restrições, proporcionou um certo alívio em relação às angústias vivenciadas anteriormente. Com o passar do ano, a pressão da carga excessiva de trabalho diminuiu gradualmente.

Após passar pelo processo de designação, fui contratada novamente, embora não tenha conseguido o cargo na minha área de formação, o ensino das Artes Visuais. Acabei assumindo apenas três aulas de Artes no Ensino Fundamental, anos finais. Para complementar minha carga horária, fui designada para lecionar disciplinas adicionais, conhecidas como Itinerários Formativos, que fazem parte do currículo do chamado Novo Ensino Médio (NEM).

No próximo capítulo, discutirei minhas experiências com esses itinerários educacionais em um novo desafio, onde ministrei aulas no Ensino Médio em Tempo Integral — Profissional e também nas aulas de Artes no Ensino Fundamental II.

3. CAPÍTULO 2:

Desafios da docência no contexto do Novo Ensino Médio e Fundamental II

“Em momentos de profunda crise é fundamental buscar “sinais de esperança” naquelas experiências que trazem o novo no exercício das práticas de participação, de diálogo social e de constituição de novos sujeitos coletivos. Paulo Freire já disse que é preciso manter a esperança na dimensão ativa do verbo esperar. É possível atravessar tormentas e superar terremotos na política deixando o pessimismo para dias melhores e colocando toda a nossa energia na construção de caminhos que nos aproximem de nossas utopias possíveis de transformação social e de emancipação humana. (PONTUAL, 2019)”

3.1 O Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI)

O Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI) foi implementado na instituição onde lecionava, no formato Profissional, oferecendo um curso técnico em Sistemas da Informação. A proposta era que os estudantes cumprissem a carga horária da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Itinerários Formativos (IF) e as disciplinas técnicas do curso em um período de 3 anos.

Inicialmente, a proposta foi bem recebida pela comunidade, pois os alunos teriam a oportunidade de sair do ensino médio com uma formação profissional. As turmas começaram bastante cheias, o que se tornou um dos primeiros desafios: lidar com tantos adolescentes, que estavam em uma fase sensível de suas vidas. No entanto, muitos alunos não estavam realmente interessados no curso e alguns sequer sabiam por que estavam ali.

Além disso, surgiu um grupo de alunos que questionava o fato de terem que passar o dia inteiro na escola. Outro grupo levantou dúvidas em relação à diminuição da carga horária das disciplinas consideradas essenciais, como português, matemática, sociologia, química e física, entre outras. Esses alunos acreditavam que essas disciplinas eram fundamentais para sua formação geral e a redução de horas dedicadas a elas gerou insatisfação.

Essas questões apresentam desafios significativos para os professores, incluindo a mim mesma. A adaptação a um novo modelo educacional, a necessidade de abordar disciplinas desconhecidas, a evasão escolar, a falta de recursos e estrutura para a educação profissional, despertaram em mim uma sensação de retrocesso, causando inseguranças e decepções.

Fiquei intimidada e comecei a me questionar se seria capaz de lidar com tantas mudanças: se teria as habilidades e conhecimentos necessários para lecionar disciplinas até então desconhecidas e se seria capaz de investir tempo, reforços e recursos suficientes para preparar os alunos e cativá-los a fim de não evadirem ao curso.

A soma desses novos desafios acabou por afetar minha autoestima e confiança como educadora. Me levando a questionamentos internos sobre estar na profissão correta e se estaria desempenhando de forma eficaz minha função.

Embora seja possível elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) abordando o Novo Ensino Médio, sua implementação e as discussões que o cercam em diversos setores, como o educacional e o empresarial, o foco deste trabalho está direcionado para minhas experiências pessoais na área da educação e os desdobramentos decorrentes delas.

3.2 O Ensino da Tutoria e dos Estudos Orientados

Apesar dos desafios enfrentados nos anos de 2020 e 2021 devido ao contexto pandêmico, pude perceber um progresso significativo em minha carreira profissional. Durante esse período, tive a oportunidade de lecionar o conteúdo para o qual havia me preparado, nesse sentido me sentia apta para atuar como educadora. No entanto, em 2022, houve uma mudança em minha trajetória profissional e passei a ministrar aulas de Tutoria e Estudos Orientados. Essa nova responsabilidade trouxe consigo novos desafios.

Segundo o Documento Orientador do Ensino Médio em Tempo Integral (2022):

Tutoria é um método para realizar uma interação pedagógica em que o Professor/Tutor acompanha e se comunica com os estudantes de forma sistemática. O Professor/Tutor avalia a eficiência de suas orientações de modo a resolver problemas que possam ocorrer durante o processo educativo, tendo em vista o desenvolvimento do Projeto de Vida de seus tutorandos. Como autêntico apoio na construção do Projeto de Vida do estudante, cabe ao professor/Tutor auxiliá-lo a descobrir as direções que pretende seguir e fazer o necessário para concretizar suas intenções em cada etapa de seu desenvolvimento. A Tutoria torna possível ao estudante ampliar a visão que ele tem de si mesmo, do mundo, das oportunidades, das estratégias e possibilidades para tomar em suas mãos o protagonismo da construção do projeto da sua própria vida. (Secretaria de Estado de Educação, 2022, p. 18)

As aulas de tutoria eram semanais, em duas turmas de 1º ano do Ensino Médio.

O Documentador Orientador do Ensino Médio em Tempo Integral (2022) também destaca que o papel do professor de Estudos Orientados é atuar como mediador do processo de aprendizagem, incentivando o desenvolvimento do autodidatismo nos estudantes. Nesse componente, os alunos são capacitados a adquirir habilidades de estudo por meio da aplicação de técnicas eficazes e a compreender a importância de estabelecer uma rotina escolar que favoreça a otimização do aprendizado.

Os Estudos Orientados eram ministrados três vezes por semana, com duas horas aulas seguidas reservadas especificamente para a aplicação de provas nas áreas do conhecimento: Linguagens,

Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Essas avaliações permitiam a verificação do progresso dos estudantes em cada uma dessas áreas.

No entanto, é importante ressaltar que o trabalho do Professor Tutor e Orientador deve ser realizado em conjunto. Enquanto o Professor Orientador tem a responsabilidade de preparar e avaliar os educandos, o Tutor desempenha um papel de orientação voltado para o autoconhecimento e desenvolvimento do Projeto de Vida dos estudantes. O Projeto de Vida é uma disciplina que faz parte dos Itinerários Formativos e visa auxiliar os alunos a refletirem sobre seus interesses, habilidades e metas pessoais, buscando direcionar suas escolhas e ações para o futuro.

Nas aulas de Tutoria, eu tive a oportunidade de desfrutar de maior autonomia no planejamento do conteúdo, o que me permitiu construir aulas mais dinâmicas e abrangentes. Nesse sentido, pude incorporar práticas artísticas, como a produção de desenhos e colagens, tornando as aulas mais leves e criativas. Essa abordagem proporciona aos estudantes um espaço para expressão individual, estimulando a criatividade e o desenvolvimento de habilidades artísticas, além de promover uma atmosfera mais descontraída e motivadora para o aprendizado.

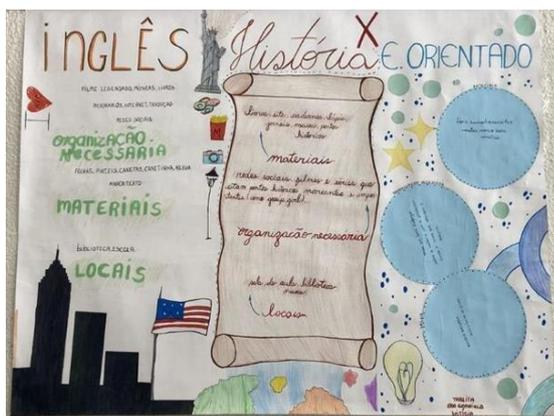
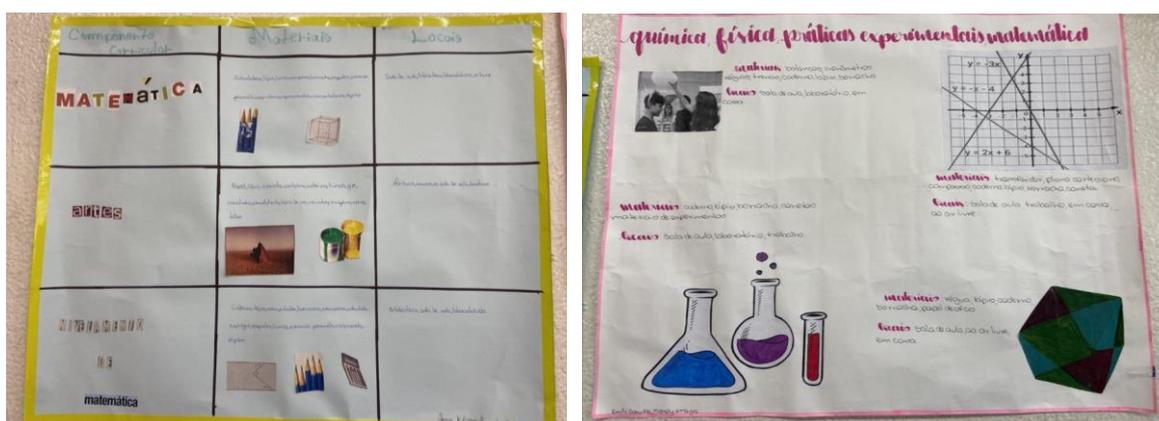


Figura 6, Figura 7 e Figura 8 - Trabalho de Tutoria dos estudantes. 16 de maio de 2022. Jaboticatubas. Fonte: Acervo Pessoal

No contexto de Estudos Orientados, além das provas organizadas pelos professores das demais disciplinas, também havia a utilização de uma apostila que deveria ser aplicada semanalmente, com o intuito de promover a autonomia dos estudantes. No entanto, essa abordagem gerava um certo descontentamento em minha função como professora orientadora. Sentia que não havia um brilho especial em desempenhar esse papel e, de certa forma, parecia ser apenas mais uma pessoa realizando essa tarefa. Não encontrava a autonomia que esperava e, por vezes, parecia que qualquer outra pessoa poderia desempenhar essa função, sem ter necessariamente passado por um período de preparação de cinco anos para estar ali. Essa percepção gerava uma sensação de retrocesso em relação à minha trajetória profissional.

3.3 O ensino de Artes nas turmas do fundamental 2

No contexto das turmas do Fundamental 2, compreendendo os 6º, 8º e 9º anos, as aulas de Artes eram ministradas semanalmente no turno da tarde. Esse turno, em nossa escola, é composto predominantemente por alunos provenientes de famílias mais carentes, residentes nas periferias da cidade. Em contraste, o turno da manhã é composto principalmente por estudantes vindos de áreas rurais. Esses dois públicos possuem características distintas.

Os alunos do turno da tarde frequentemente enfrentam dificuldades em suas famílias, refletindo-se em um menor comprometimento com a educação e desrespeito em relação aos professores, além de apresentarem desafios significativos no processo de aprendizagem. Como minhas aulas ocorriam às sextas-feiras, eu lidava constantemente com a evasão e a falta de frequência escolar, o que prejudicava o desenvolvimento dos conteúdos abordados. Os assuntos trabalhados demandavam mais de um bimestre, aproximadamente 10 aulas, para serem concluídos.

Outro desafio considerável que eu enfrentava era a escassez de recursos didáticos, incluindo materiais básicos como papel sulfite e lápis HB. Essa falta de recursos, somada aos outros problemas mencionados, como o desinteresse dos estudantes, me desmotivou consideravelmente. Embora eu tivesse o desejo de proporcionar aulas mais interessantes e práticas, muitas vezes me via limitada a abordar os conteúdos que poderiam ser transmitidos apenas no quadro, além de explorar o desenho e pesquisas na sala de informática.

Esses desafios e limitações criavam um ambiente desafiador para o ensino de Artes, mas eu buscava encontrar maneiras criativas e adaptadas para engajar os alunos e estimular seu interesse pela disciplina.

3.4 As atividades desenvolvidas na disciplina de Artes

No ano de 2022 busquei explorar conteúdos sobre as Artes que não exigiam muito recursos. Um dos temas trabalhados na turma do 6º ano foi a arte rupestre: primeiro com o auxílio de um slide projetado na televisão da sala multimeios, exploramos o conceito da arte rupestre a partir de algumas perguntas disparadoras “o que é arte rupestre?”, “por que os homens faziam desenhos nas paredes das cavernas e rochas?”, “Como os humanos pintavam?” “Eles tinham tintas?” e a partir daí compartilhei com os estudantes imagens de artes rupestres pelo mundo: em Lascaux na França, na Argentina em “Cueva de las Manos” e na Serra da Capivara no Brasil, entre outras. Como atividade prática, produzimos as tintas com água, cola e os corantes que os educandos trouxeram: açafrão, café, urucum e cinzas de carvão. A proposta foi que cada estudante produzisse três pinturas: uma sobre a rotina e interação social deles, outra sobre a alimentação e a terceira sobre o que era sagrado para eles.



Figura 9 e Figura 10 respectivamente: Atividades dos estudantes do 6º ano sobre Arte Rupestre. 26 de agosto de 2022. Jaboticatubas. Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 11 e Figura 12 respectivamente: Atividades dos estudantes do 6º ano sobre Arte Rupestre. 26 de agosto de 2022. Jaboticatubas. Fonte: Acervo Pessoal.

Na turma do 8º ano, buscando desenvolver a habilidade em Artes para o ensino fundamental anos finais do Currículo Referência em Minas Gerais (CRMG), proposta na página 548, da versão do documento do ano de 2018: “(EF69AR09MGA) *Pesquisar diferentes formas de expressão, representação e encenação da dança, reconhecendo e apreciando composições de dança de artistas e grupos brasileiros (ênfase na cultura popular regional e local) e estrangeiros de diferentes épocas.*” um dos temas trabalhados com os estudantes foram as Danças Brasileiras.

Propus um trabalho realizado em grupos, onde foi previamente sorteado para cada grupo um tipo de dança como o Samba, Frevo, Bumba-meu-boi, Carimbó, Jongo, Forró, Maracatu e

Baião. Os alunos pesquisaram na sala de informática durante algumas aulas a região do país em que a dança é mais presente, como acontecem as apresentações, a história ou origem do ritmo e em seguida deveriam produzir e ilustrar um cartaz e apresentá-lo em sala. Segue abaixo as imagens de alguns cartazes produzidos por eles:

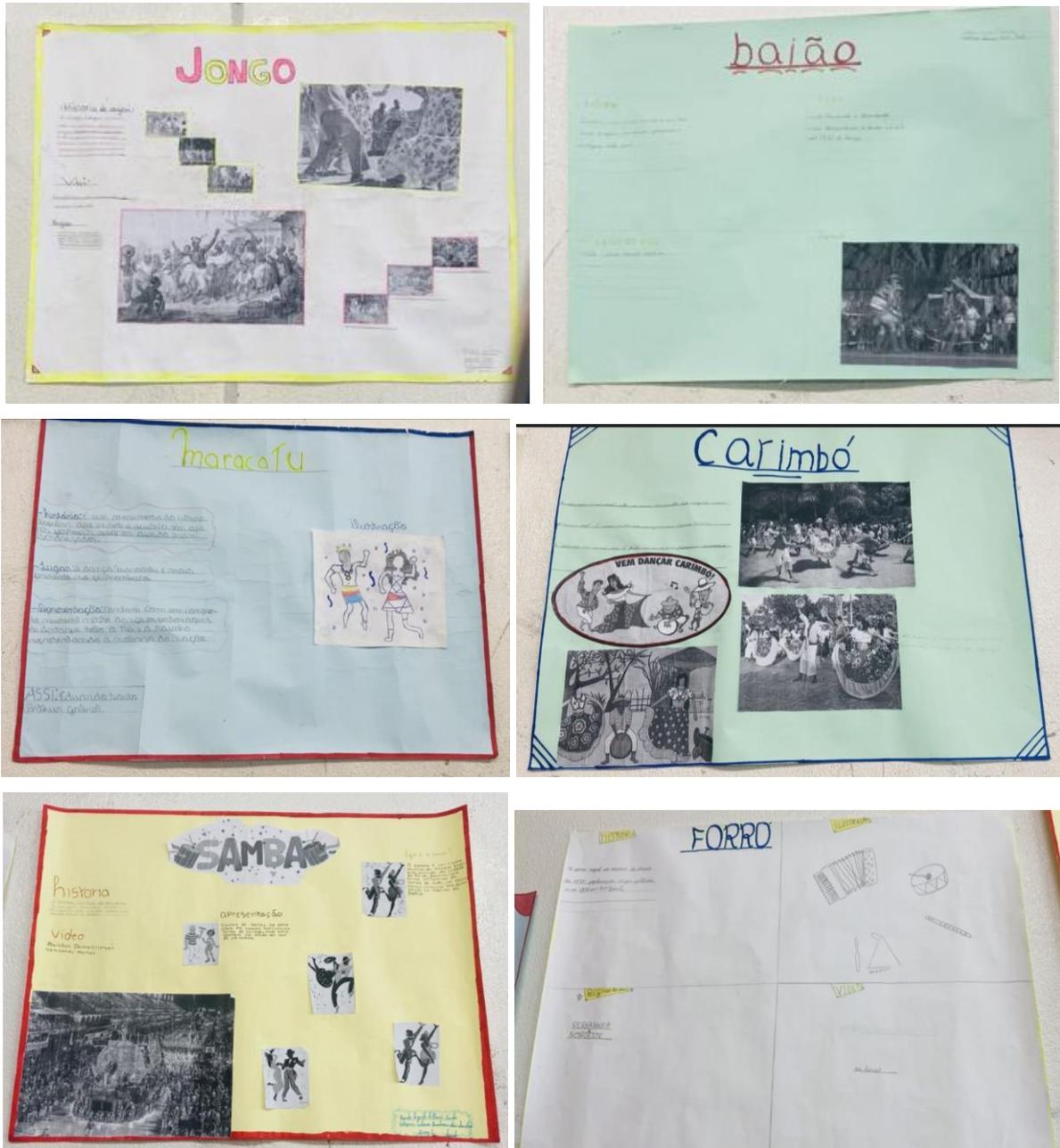


Figura 13, Figura 14, Figura 15, Figura 16, Figura 17 e Figura 18 respectivamente: Cartazes dos estudantes do 8º ano sobre Danças Brasileiras. 15 de julho de 2022. Jaboticatubas. Fonte: Acervo Pessoal.

A BNCC propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas

maleáveis que se interpenetram, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Arte na escola. Não há nenhuma hierarquia entre essas dimensões, tampouco uma ordem para se trabalhar com cada uma no campo pedagógico. (BRASIL, 2018, p. 194.)

No contexto mencionado, é importante ressaltar que, embora o professor especializado em Artes na educação básica se gradue em uma das “unidades temáticas” - Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro — ele tem a responsabilidade de abordar em suas aulas os conteúdos das quatro áreas de formação em Artes.

A turma do 9º ano em que eu lecionava era pequena, porém com grandes dificuldades na aprendizagem. Os exemplos mais proeminentes eram os dois irmãos gêmeos analfabetos, a aluna com Síndrome de Down, mas que contava com uma professora de apoio, além de uma estudante com TDAH. Além das circunstâncias previamente citadas, eram estudantes com bastante problemas familiares e econômicos, que acabavam por faltar muito às aulas. O corpo docente durante os conselhos de classe definiu aquela turma como uma “turma de intervenção”, devido à necessidade que eles possuíam de participar de intervenções pedagógicas e/ou educacionais estratégicas, buscando suprir as necessidades individuais e coletivas, para que melhorassem o desempenho educacional deles.

Essa turma em específico era uma turma bastante desanimada e que de certa forma eu me sentia sempre desafiada ao propor algum conteúdo para eles. Era difícil conquistá-los e realizar atividades com eles onde percebesse algum retorno positivo, como engajamento, progresso no aprendizado ou mesmo relações respeitadas entre professor e aluno.

Desenvolvi com eles um trabalho para explorar conteúdos de escultura, utilizando a técnica de esculpir em sabão, trabalhando os conceitos de bidimensionalidade (durante o desenvolvimento do esboço da escultura através do desenho) e tridimensionalidade, onde eles deveriam produzir qualquer escultura utilizando o sabão como material. Nem todos realizaram as atividades, alguns tiveram muitas dificuldades para esculpir e outros, que possuíam uma certa facilidade na execução, decidiram por abordar na escultura temas sexuais.

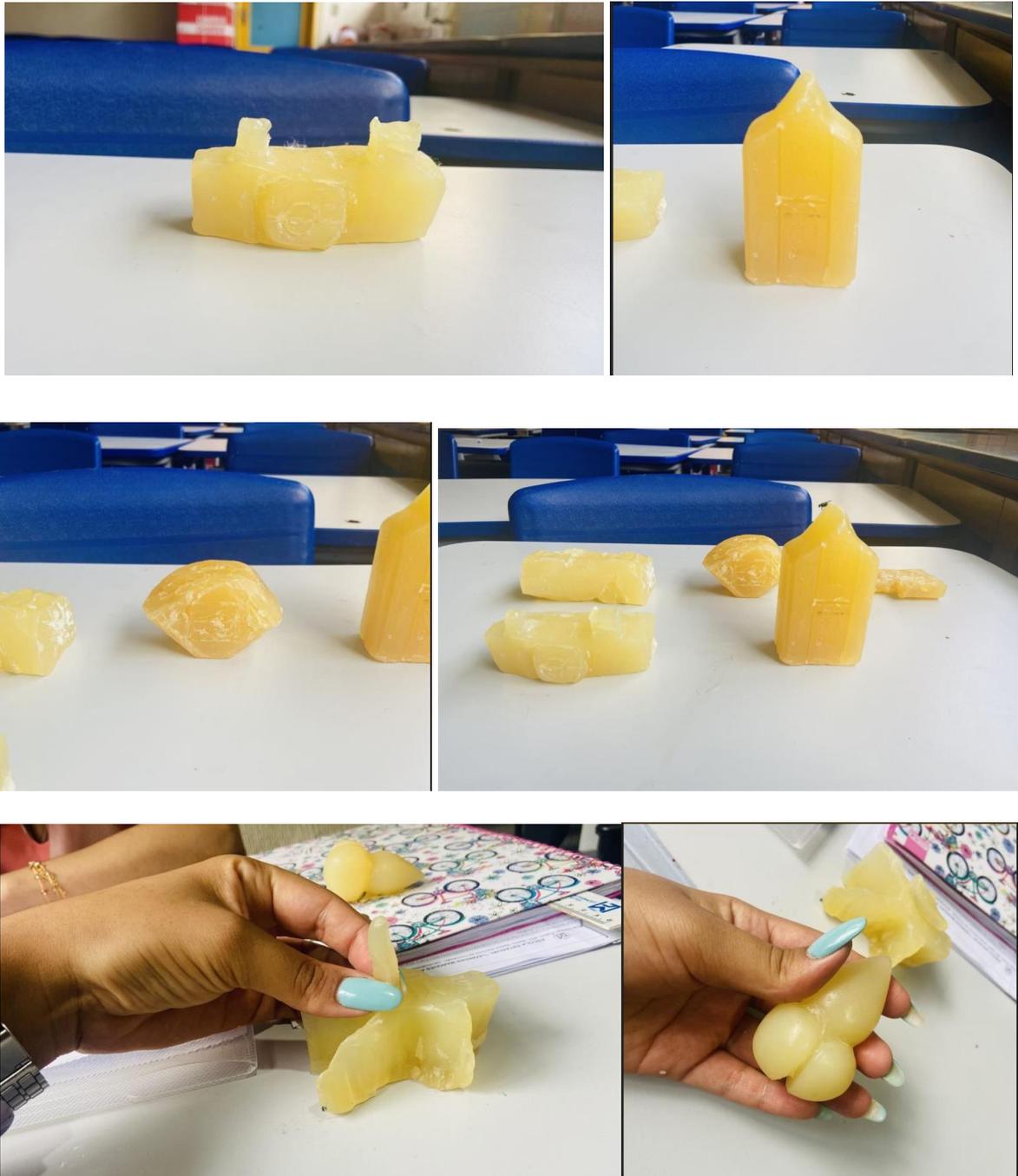


Figura 19, Figura 20, Figura 21, Figura 22, Figura 23 e Figura 24 respectivamente: Esculturas de sabão dos estudantes do 9º ano. 02 de dezembro de 2022. Jaboticatubas. Fonte: Acervo Pessoal.

Em particular, os trabalhos produzidos pelos alunos geraram uma situação complexa. Devido a minha inexperiência e incômodo diante da situação, decidi por relatar o ocorrido à Especialista em Educação Básica e à Direção Escolar. Dialogamos com os alunos, buscando compreender a razão por trás da escolha daquela temática, explicamos que dentro do ambiente escolar e devido à menor idade deles, a temática que eles escolheram acabara por se tornar um desrespeito para comigo, com os colegas de sala e com a comunidade escolar. Além disso, ficamos

preocupados com a situação psicológica ou emocional dos estudantes que esculpiram os falos, já que eram irmãos, e diante da escolha temática para a escultura, procuramos investigar que tipo de influências eles estavam recebendo, com quem estavam convivendo ou se algo pior, como abuso sexual, poderia estar acontecendo com eles. Esse episódio em específico, afetou minha sensação de segurança e também meu bem-estar emocional, me senti pessoalmente violada, insegura e vulnerável devido à natureza das ações ocorridas.

3.5 O Projeto Brasilidades

Considerando a realidade dos meus estudantes, residentes na cidade de Jaboticatubas, um município do interior de Minas Gerais e levando em conta o fato de que eles estavam há dois anos sem frequentar a escola devido à pandemia, percebi a necessidade de proporcionar a eles uma experiência enriquecedora em Artes.

Os estudantes, pertencentes ao ensino fundamental II, vinham de famílias que enfrentavam problemas socioeconômicos e muitos deles nunca haviam tido a oportunidade de realizar excursões escolares ou visitar exposições de arte.

Ao longo da primeira quinzena de setembro, durante as aulas, exploramos algumas exposições virtuais, que estavam disponíveis nos seguintes links:

1. *Acervo Permanente da Pinacoteca:* < <https://portal.iteleport.com.br/tour3d/pinacoteca-de-sp-acervo-permanente/> > ,
2. *Tour Virtual do MAM:* < <https://mam.org.br/2020/03/18/tour-virtual-pelas-exposicoes-do-mam-sao-paulo-museu/> > ,
3. *Arte ao ar livre - Inhotim:* < <https://artsandculture.google.com/story/gAUhGwVQ1gYTKw> > ,
4. *Artes do Brasil até 1900 - MASP:* < <https://artsandculture.google.com/story/iAURTqF8WN4CKg> > ,
5. *Portinari no Museu Nacional de Belas Artes:* < <https://artsandculture.google.com/story/pAUhdwVChnx2Iw> > e
6. *Processos de Lasar Segall em Museu Lasar Segall:* < <https://artsandculture.google.com/story/pAVxDOgp0pt5Lg> > .

Além de visitar as exposições virtuais os estudantes deveriam desenvolver um exercício do material educativo da 33ª Bienal: Convite a Educação; (FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO, 2018). O material é um conjunto de cartas que propõem exercícios para a experiência com a arte, compostas em 4 etapas: “1. Encontrar uma obra””, “”2. Dedicar a atenção”, “3.

Registrar a experiência” e “4. Compartilhar”. Além das cartas, o material vem com o manual de uso e uma publicação de mesmo nome “Convite à atenção” com textos sobre as relações entre arte, educação e atenção. O material foi produzido para a 33ª Bienal — afinidades afetivas, porém, se adequou perfeitamente à proposta educativa.

Os educandos deveriam *encontrar uma obra* na exposição virtual que “mais os desafiasse”. Em seguida, *dedicar a atenção*, investigando a obra e propondo “uma pergunta que a obra o faria” e “uma pergunta que ele faria a obra”. Os *registros* e anotações foram feitos nos cadernos e depois, compartilharam para a turma a obra que escolheram, explicando porque se sentiram desafiados e as perguntas elaboradas.

A intenção, com essas aulas, era que os educandos se familiarizassem ao ambiente expositivo, além de conhecer obras de artes, artistas e possibilidades de visita artística, bem como museus de artes.

Diante dessas experiências, o Projeto Brasilidades teve seu ápice culminando na visita da exposição “Brasilidade Pós-Modernismo”, realizada no Centro Cultural do Banco do Brasil em Belo Horizonte. A “Exposição Brasilidade Pós-Modernismo” apresentava a arte brasileira contemporânea através de seis núcleos temáticos, intitulados, Liberdade, Futuro, Identidade, Natureza, Estética e Poesia. Além de abrigar instalações e novas mídias ao lado de pinturas, fotografias, desenhos e esculturas, continha obras de 51 artistas de diversas gerações, etnias e localizações geográficas diversas do país, produzidas a partir da década de 1960 até a atualidade.

Consciente das dificuldades enfrentadas pelos estudantes e visando proporcionar uma experiência completa, busquei parcerias para viabilizar o projeto. Graças à colaboração da Secretaria de Educação do município, conseguimos a cessão de um ônibus para o transporte dos alunos. Além disso, a Direção Escolar foi fundamental ao disponibilizar lanches para os alunos e organizar uma equipe docente multidisciplinar para acompanhar-me e aos estudantes durante o dia da visita ao CCBB.

Com esse projeto, meu objetivo era ampliar o horizonte cultural e artístico dos estudantes, apresentando-lhes exposições de artes, a arte brasileira e contemporânea. Ao desenvolver o projeto, levei em consideração não apenas o aspecto artístico, mas também a importância da inclusão social e do acesso igualitário à cultura. Por meio do Projeto Brasilidades, busquei proporcionar uma experiência significativa aos estudantes, despertando seu interesse pelas manifestações artísticas brasileiras e valorizando a produção cultural do país.



Figura 25, Figura 26, Figura 27, Figura 28 e Figura 29 respectivamente: Projeto Brasilidades. 16 de setembro de 2022. Belo Horizonte. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 30 e Figura 31: Projeto Brasilidades. 16 de setembro de 2022. Belo Horizonte. Fonte: Acervo Pessoal

3.6 Reflexões sobre a experiência pedagógica em Arte

Durante este período, meu objetivo principal foi desenvolver habilidades de apreciação artística, interpretação de obras de arte e estimular a expressão pessoal dos estudantes. Ao longo das aulas, busquei registrar as experiências individuais e coletivas de cada turma, promover a interação entre os grupos e incentivar a troca de ideias para enriquecimento geral.

Além de avaliar o desempenho individual, valorizei a participação ativa de cada aluno, o respeito mútuo, o interesse pelas aulas e o comportamento adequado em cada proposta. Em suma, busquei proporcionar experiências em Arte que fossem além do conhecimento teórico, e estimulassem a criatividade e a curiosidade dos estudantes.

Como educadora, tive a oportunidade de acompanhar de perto as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, que muitas vezes refletiam em seu desempenho em sala de aula. Cada aula, com duração de aproximadamente 50 minutos, foi planejada com o intuito de contribuir para a formação integral dos alunos, abrangendo não apenas o aspecto cognitivo, mas também o cultural, identitário e de autonomia.

Inspirada por Mirian Celeste Martins (2010, p. 237 – 238), em seu artigo “Entrevidas: a inquietude de professores-propositores”, percebi como a linguagem da arte instiga os educadores de todas as áreas a se tornarem mais sensíveis às leituras de mundo expressas não apenas pelas obras de arte e manifestações culturais, mas também pelos próprios estudantes. Essa sensibilidade nos permite olhar com mais sutileza e criticidade, ampliando nossa forma de pensar além da linguagem verbal objetiva e fria, explorando também a dimensão poética presente nela. Essas reflexões reforçam a importância do especialista em ensino de Arte, capaz de potencializar o aprendizado de cada estudante e instigar colegas e a direção escolar a valorizar e reconhecer sua relevância. Portanto, busquei constantemente ao longo dos anos anteriores e também continuo buscando aprimorar minha formação nessa área, a fim de proporcionar uma educação cada vez mais enriquecedora para meus alunos.

No capítulo seguinte, discutirei os itinerários educacionais atuais e os desafios que surgiram recentemente. Além de abordar as particularidades que são exclusivas do ambiente da escola pública, também compartilharei minha experiência atual como docente em uma escola particular, que trouxe consigo novas demandas e expectativas em relação ao meu papel como educadora.

4. CAPÍTULO 3:

Sobre as vicissitudes da Educação Pública e Privada

“Uma vez que nosso lugar no mundo está sempre mudando, precisamos aprender constantemente para estarmos totalmente presentes no agora. Se não estamos completamente engajados no presente, ficamos presos no passado e a nossa capacidade de aprender é diminuída.

Educadores que se desafiam a ensinar para além do espaço da sala de aula, a se mover no mundo compartilhando conhecimentos, aprendem uma diversidade de estilos de passar as informações adiante. Essa é uma das habilidades mais valiosas que um professor pode adquirir. Por meio da prática vigilante, aprendemos a usar a linguagem que pode falar ao coração da matéria em qualquer espaço de ensino em que nos encontremos. (HOOKS, 2019.)”

4.1 Um convite que mudou o rumo: a nova oportunidade em uma escola particular

Iniciei o ano de 2023 receosa de estar desempregada novamente. Para os professores contratados na educação pública, o início do ano sempre traz essa angústia. Entre uma designação e outra, existe o medo de não conseguir aulas para qual possua habilitação, de lidar com a realidade escolar em que irá atuar e com o perfil de alunos para qual irá lecionar, entre outras preocupações.

No entanto, para diminuir um pouco a minha ansiedade, recebi um contato no mês de janeiro, da diretora e proprietária de uma escola particular aqui em Jaboticatubas, a quem tenho grande afeto. A “Tia Claudinha”, responsável pelo “Centro de Desenvolvimento Educacional Vem Ser”, onde estudei nos meus primeiros anos da educação básica, entrou em contato comigo para uma conversa.

Fui até a escola para uma conversa informal e, lá, ela me propôs assumir as aulas de Artes da escola, nas turmas de ensino fundamental 1 e 2, sendo 9 horas/aula ao todo. Aceitei prontamente a oferta. Conversamos por mais alguns minutos, durante os quais ela me apresentou a escola, que se encontrava em um prédio diferente do que frequentei quando criança. Ela também me apresentou os funcionários, alguns dos quais eu já conhecia e guardava carinho dos tempos em que fui aluna, como a Tia Lucinéia e a Tia Cris. Os outros profissionais e as outras educadoras também se esforçaram para me fazer sentir bem-vinda e acolhida. Além disso, ela falou sobre o método de ensino, informando que pela primeira vez, do 1º ao 5º ano, a escola adotaria um livro didático de Artes, assim como já acontecia do 6º ao 9º ano.

Ao sair dali, já levei comigo os livros que seriam utilizados em 2023 para o ensino das Artes, a fim de estudá-los e começar o planejamento de minhas aulas, que aconteceriam uma vez por semana, em cada uma das nove turmas do ensino fundamental, abrangendo do 1º ao 9º ano.

4.2 A continuidade da jornada na Educação Pública: na Escola Estadual Leônidas Marques Afonso

Nos dias seguintes, apesar da certeza de que não ficaria completamente desamparada financeiramente, a ansiedade em relação às vagas na educação pública continuava presente. Mais um processo de inscrição na designação estadual, seguido pela espera da divulgação do resultado da ordem dos convocados. Novamente tive de comparecer à escola para apresentar os documentos comprobatórios de minha habilitação para lecionar. Assim como no ano anterior, fui selecionada para lecionar Artes, em apenas 3 turmas: 6º, 7º e 9º anos, no turno da tarde, na Escola Estadual Leônidas Marques Afonso.

Após o início das aulas em fevereiro, foram atribuídas a mim outras disciplinas a fim de complementar minha carga horária na educação pública. Passei a lecionar os Itinerários Formativos novamente, ministrando a disciplina Tutoria para o Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI) e Práticas Comunicativas e Criativas nas turmas do Novo Ensino Médio (NEM) Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Assim, minha jornada na educação pública se expandiu de 3 horas/aula para 11 horas/aula, envolvendo não apenas o ensino de Artes, mas também a responsabilidade de orientar os alunos nas tutorias e desenvolver atividades para esta nova disciplina do currículo dos Itinerários Formativos: Práticas Comunicativas e Criativas.

4.3 O trabalho como Coordenadora

Além de exercer o papel de professora, em meados de março fui convidada a assumir a função de Professora Coordenadora do período noturno na E. E. Leônidas Marques Afonso, coordenando as turmas do 1º EM e 2º EM Regular e 1º EM, 2º EM e 3º EM da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Novo Ensino Médio (NEM). Essa função requer aproximadamente 15 horas de trabalho semanal. Como coordenadora, minha responsabilidade é trabalhar diretamente com os professores dos Itinerários Formativos, organizando a integração curricular com a disciplina Projeto de Vida. Também emprego bastante tempo em tarefas burocráticas, atuando com a Especialista da Educação Básica, realizando busca ativa dos estudantes que evadiram os estudos, estudando as diretrizes pedagógicas, cadernos pedagógicos e planos de

cursos, além de estar atenta às necessidades do corpo docente e discente por meio de uma escuta ativa.

Esse cargo tem exigido muito de mim e, muitas vezes, sinto-me desapontada por não conseguir conciliar todas as demandas, não somente as demandas profissionais, mas as pessoais e acadêmicas.

Por dedicar bastante tempo e esforços na área profissional e nem sempre obter resultados imediatos, retorno financeiro justo, apoio profissional ou reconhecimento por meus trabalhos, acabo por me sentir desanimada e por me autocriticar em relação à minha atuação.

4.4 O início do ano letivo: conhecendo os perfis das turmas da escola particular

As aulas tiveram início em fevereiro, o que me colocou diante do desafio de estabelecer relações com o corpo docente, pedagógico e discente da escola. Era necessário conhecer as demandas, o currículo, as expectativas e muito mais. Assim, comecei minha jornada na escola investigando e observando o funcionamento geral, incluindo o comportamento dos alunos. Ofereci-me para colaborar na rotina das outras educadoras que já estavam na instituição há mais tempo, buscando estabelecer diálogos e construir relações com elas e os estudantes.

Essa experiência de educar crianças do 1º ao 5º ano é a minha primeira atuação profissional com crianças tão novas. Tem sido desafiador definir minha postura como educadora de Artes, principalmente para o 1º ano, já que é o primeiro contato deles com a disciplina. Também para os alunos do 2º ao 5º ano, tudo é novo, pois eles estavam acostumados com a abordagem da professora anterior, que era bastante rígida. Por orientação pedagógica, as aulas de Artes eram limitadas a produzir principalmente objetos artesanais com materiais recicláveis, não enfatizando a expressão artística em si. Além disso, agora passamos a utilizar um livro didático. Já em relação aos alunos do ensino fundamental 2, durante nossas primeiras conversas, eles mencionaram ter grandes expectativas em relação à produção de arte, pois nos anos anteriores haviam produzido muito pouco. A maior parte do ano letivo era dedicada à leitura e realização de exercícios de pesquisa e interpretação propostos pelos livros. Eles relataram que a professora anterior não promovia atividades de apreciação e produção artística, além de ser muito rígida. Quando realizavam alguma atividade artística, eram sempre cobrados para produzir desenhos realistas. Neste contexto, é interessante ressaltar, como destacam as autoras Marta, Tharciana e Jocielle que

o espaço da sala de aula de Arte e Arte Educação ancoram-se sobre conjuntos de práticas que envolvam o saber fazer, a autorreflexão, o contexto sociocultural e

abordagens históricas, que envolvam a prática pedagógica e a prática artística, como procedimentos de um processo criativo evidenciado pela construção sistemática de experiências. (FACCO, GOULART e LAMPERT, 2017, p. 4168)

É importante considerar que os estudantes foram atravessados nos dois anos anteriores pela pandemia, o que fez com que o processo educativo de forma geral deixasse de acontecer da forma tradicional a que estamos habituados. E para eles, o processo educativo em Artes em específico havia sido monótono e sem oportunidades efetivas de experimentar arte e práticas artísticas diversas.

4.5 Explorando Novas Possibilidades: o Projeto “O Artista que Habita em Mim”

“Como superar este reducionismo e ampliar a compreensão destes estudantes sobre a importância da arte e da cultura como um modo de ser e estar no mundo, como linguagem expressiva que vai muito além de uma disciplina? Quais os desafios a serem enfrentados para que uma outra atitude frente à arte possa ser vivenciada?” (MARTINS, 2019, p. 2390)

Assim como Mirian Celeste Martins, em seu artigo “Antídotos para Alergias Pedagógicas” (2019), me peguei refletindo sobre questões como as descritas acima. Diante do medo dessa nova experiência docente, das expectativas dos alunos e dos direcionamentos pedagógicos passados para mim, além da necessidade de fazer uso do livro didático, mas dispondo de mais recursos e materiais, comecei meu primeiro projeto: “Cores, formas e expressão: O artista que habita em mim”.

Toda a escola já está inserida no programa transdisciplinar “Líder em mim”, que visa desenvolver competências e habilidades acadêmicas, culturais e de liderança nos alunos e corpo docente escolar. Aproveitando alguns conceitos já em desenvolvimento neste programa, e alinhado aos conteúdos sobre arte urbana desenvolvidos no livro didático do 7º ano e na exposição dos Gêmeos que estava acontecendo no espaço Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) - BH, propus o projeto “O artista que habita em mim” para os estudantes do ensino fundamental, anos finais, tendo como objetivos aproximar os alunos da arte urbana contemporânea, promover a reflexão, vivência e sensibilização dos alunos em relação ao grafite, pixação e arte de rua como arte, e desenvolver com eles o pensamento crítico e reflexivo e a valorização da *street art* no ambiente escolar.

Como desenvolvimento do projeto, foram realizadas as seguintes etapas:

Na primeira etapa: visita e conversa com o artista, grafiteiro e cenógrafo Levi Ribeiro, natural de Belo Horizonte, meu colega de graduação. O artista se apresentou, além de apresentar para os estudantes um pouco da sua história com as artes plásticas, evidenciando a sua trajetória na arte urbana. Em um segundo momento, explicou os conceitos e técnicas da arte urbana e realizou com os alunos uma oficina de estêncil e criaram coletivamente um mural na escola. Durante todo o processo pude contar com a colaboração e monitoria de Edson Leonardo, um grande amigo e estudante do curso de licenciatura em Artes Visuais da Escola de Design.



Figura 32, Figura 33, Figura 34 e Figura 35 respectivamente: Projeto “O Artista que habita em mim”. 28 de abril de 2023. Jaboticatubas. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 36, Figura 37, Figura 38, Figura 39 e Figura 40, respectivamente: Projeto “O Artista que habita em mim”.
28 de abril de 2023. Jaboticatubas. Fonte: Acervo Pessoal

Nas semanas seguintes, para promover um momento de reflexão, realizei uma autoavaliação com os estudantes com as seguintes perguntas: “o que você achou de participar da 1ª etapa do projeto?”, “Qual das atividades realizadas mais chamou sua atenção?”, “Para você qual a importância de realizar este projeto?”, “Qual sua maior dificuldade durante o processo?”, “O que você achou do tempo disponibilizado?”, “Os conteúdos foram bem explicados?”, “As propostas foram agradáveis?”, “Se pudesse mudar algo no projeto, o que seria?”, etc.

Algumas respostas me chamaram a atenção:

p. “Para você qual a importância de realizar este projeto? Explique.”

r. “A importância de ter esse projeto é que tem coisas diferentes na escola, além das aulas normais todo dia.” Filipe Henrique Costa, 7º ano.

p. “Qual das atividades realizadas mais chamou sua atenção?”

r. “A criação do stencil foi a atividade que mais me chamou a atenção, porque eu podia criar qualquer coisa e eu mesmo fazer.” Davi Santos Ataídes, 8º ano.

p. “O que você achou de participar do projeto?”

r. “Eu gostei muito, era uma atividade que nunca tinha realizado e me interessei muito” Ana Letícia, 9º ano.

p. Se pudesse mudar algo no projeto, o que seria?

r. “Se eu pudesse mudar algo, eu iria pintar o teto e as paredes da sala.” Ana Cecília, 6º ano.

O retorno positivo por parte da maioria dos alunos e as demais respostas da avaliação do projeto, me fizeram abrir os olhos para a necessidade de aulas mais práticas e aulas de conteúdos diversos. Os estudantes sempre reclamam quando as aulas de Artes são mais teóricas, e elogiam, pedem “mais aulas assim”, quando são aulas de criação. Assim como é possível observar na fala de Filipe, o corpo na escola acaba se tornando um “corpo disciplinado, amarrado, desmotivado (MARTINS, 2019. p. 2401)”. E os estudantes têm sede do corpo que “desenha, pinta, modela, constrói, brinca, se move, exercita, performatiza, dança, canta, produz sonoridades, trabalha com o pensamento visual, sonoro, cinestésico, gestual” (MARTINS, 2019. p. 2401)

Já na segunda etapa do projeto, realizamos a experiência de visitar a exposição “Os Gêmeos: nossos segredos”, que reconta a trajetória da dupla de artistas brasileiros Gustavo e Otávio Pandolfo. A exposição era composta por telas, instalações e murais em espaços urbanos, os cadernos de desenho dos irmãos, anotações em papéis avulsos, pinturas e esculturas que remetem à experiência espontânea de criar na rua. A exposição aconteceu no Centro Cultural do Banco do Brasil, no endereço Praça da Liberdade, número 450, bairro Funcionários, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Antes da visita questionei os estudantes para saber quais já haviam realizados excursões ou visitas à alguma exposição de arte, e dentre os quase 40 alunos, somente um já havia visitado um Museu de Arte. Mirian Celeste Martins, em “Alergias pedagógicas” (MARTINS, 2019. p. 2391.) provoca: “A arte fala por si só, mas é preciso disponibilidade para chegar até ela, e de fato, poucos estudantes têm caminhado até os principais museus ou salas de concerto e espetáculos”. Então, seguindo a orientação da autora, propus esta experiência estética aos meus estudantes, que apesar de frequentarem uma escola particular e disporem de mais recursos e acessos em relação aos meus estudantes da educação pública, também raramente foram “provocados a ir de encontro com a arte”.



Figura 41, Figura 42 e Figura 43 - Visitação à Exposição “Os Gêmeos”. 19 de maio de 2023. Belo Horizonte.

Acervo Pessoal.



Figura 44 - Visitação à Exposição “Os Gêmeos”. 19 de maio de 2023. Belo Horizonte. Acervo Pessoal.

Inspirada na exposição, que reconta o Universo Onírico “Tritrez”, criado pelos Gêmeos, propus, como encerramento do projeto, a criação de um desenho do universo onírico particular de cada aluno do ensino fundamental, anos finais. Em agosto, ao retornar das férias, iremos montar a exposição dos desenhos, como culminância do projeto.

4.6 Explorando possibilidades no ensino de Artes nas turmas do ensino fundamental, anos iniciais, na educação privada

Esta tem sido minha primeira experiência profissional com estudantes do ensino fundamental, anos iniciais. Apesar das inseguranças que enfrento semanalmente ao entrar em cada turma, devido ao comportamento ainda em desenvolvimento desses alunos, “do corpo ainda indisciplinado”, tem sido, essa experiência docente, em sua maior parte, uma experiência prazerosa.

Mirian Celeste Martins aponta que

educadores e aprendizes-educadores também podem perceber como a flexibilidade, a sutileza e tolerância pela ambiguidade são necessárias, ampliando conceitos, valorizando as subjetividades, as singularidades, a ludicidade e o humor, para lidar com o caos, com a insegurança com a tensão que também faz criar. (MARTINS, 2010, p.235-236)

Ao entrar na sala de aula, me questiono: 'O que consigo realizar? Será que esse método funciona para essa turma em particular? Quais comportamentos dos alunos tenho dificuldade em lidar? O que preciso aprender hoje para preparar a aula de amanhã?' Tenho tentado ser flexível com

minhas inquietudes e também dos educandos. Neste sentido, tenho me reconhecido como professora-propositora, que pesquisa a própria prática, que move os aprendizes para a experiência, que problematiza, envolve e afeta, corroborando com o pensamento da autora. Por orientação pedagógica da gestora da escola e pela falta de tempo para planejar tantas aulas, tenho utilizado os livros didáticos como guia para minha prática diária. Eles têm sido um valioso suporte em minha função. Tenho buscado adaptar as propostas do livro para cada turma, em vez de simplesmente aplicá-las como uma receita pronta. (LOYOLA, 2009). Acredito que essa abordagem tem funcionado tanto para mim quanto para os estudantes, e seguimos experimentando e construindo aprendizados a cada aula.



Figura 45 e Figura 46 - Desenho de paisagem: enquadramento - 1º ano. 04 de julho de 2023. CDE Vem Ser. Jaboticatubas. Acervo Pessoal.



Figura 47 - Criação com argila: forma e escultura. 2º ano. 20 de abril 2023. CDE Vem Ser. Jaboticatubas. Acervo Pessoal.

Figura 48 - Instalação com as peças de argila - 2º ano. 25 de maio de 2023. CDE Vem Ser. Jaboticatubas. Acervo Pessoal.



Figura 49 - Produzindo esboço da narrativa - 3º ano. 01 de Junho de 2023. CDE Vem Ser. Jaboticatubas. Acervo Pessoal



Figura 50 - Pintando a narrativa - 3º ano. 15 de Junho 2023. CDE Vem Ser. Jaboticatubas. Acervo Pessoal



Figura 51 e Figura 52 - Colagem: A praia- 4º ano. 20 de Abril de 2023. CDE Vem Ser. Jaboticatubas. Acervo Pessoal



Figura 53 e Figura 54 - Arte ambiental: Mandala - 5º ano. 20 de Abril de 2023. CDE Vem Ser. Jaboticatubas. Acervo Pessoal

4.7 O início do ano letivo: conhecendo os perfis das turmas da escola pública

O mês de fevereiro foi um período de adaptação na Escola Leônidas. Houve a chegada de um novo 6º ano, com novos alunos que precisaram ser conhecidos, compreendendo suas habilidades e dificuldades, bem como suas expectativas em relação ao ensino de Artes. No 7º ano e 9º ano, mesmo já conhecendo os alunos do ano anterior, também houve algumas mudanças, como a adição de novos estudantes nas turmas. O 9º ano mostrou um amadurecimento comportamental, enquanto o 7º ano se apresentou como uma turma mais agitada, com os hormônios à flor da pele.

Em relação aos alunos do 1º ano EMTI, lecionei Artes para eles em 2020, quando ainda eram do 7º ano do ensino fundamental. Havia uma expectativa por parte deles em ter-me novamente como professora, uma vez que tivemos cerca de três semanas de aulas presenciais apenas. Hoje, constatamos que o ensino remoto, apesar de ter atendido parcialmente as necessidades durante a época da pandemia, mostrou-se ineficaz no que diz respeito à aprendizagem e ao contato entre educador e educando.

Os alunos do 2º EMTI são estudantes com os quais tenho um ótimo relacionamento, graças ao último ano em que ministrei tutoria e estudos orientados para eles. Agora, eles estão numa fase em que começam a fazer escolhas relacionadas à sua futura carreira profissional. Portanto, tenho buscado atuar, auxiliando-os no processo de autoconhecimento e no entendimento das demandas do mercado de trabalho e da vida social, durante as aulas de tutoria.

Quanto ao perfil dos alunos do período noturno, tanto no ensino regular quanto na Educação de Jovens e Adultos (EJA), eles demonstram, em sua maioria, certo desânimo em relação à vida estudantil. O corpo discente é formado por jovens e adultos que já estão inseridos no mercado de trabalho ou que desempenham atividades informais para ajudar na renda familiar. No ensino regular, os alunos estão matriculados com o intuito de concluir o ensino médio na idade correta. Já na EJA, os estudantes retornaram à escola com o objetivo de finalizar uma etapa que não foi concluída anteriormente, devido a questões pessoais e familiares diversas. Nessas turmas, sou responsável por lecionar a disciplina de Práticas Comunicativas e Criativas, a qual visa complementar os estudos na área de Linguagens e suas tecnologias. Embora o currículo já esteja pré-estabelecido, sendo abordados temas como SUS, Trabalho e Educação, sou eu quem organiza todas as atividades.

4.8 Explorando possibilidades no ensino de Artes nas turmas do ensino fundamental, anos finais, da educação pública

Na escola pública, assim como na escola particular, tenho utilizado os livros didáticos como referência para orientar minha prática docente. Os livros que tenho utilizado em ambas as escolas, são de diferentes autores e editores, porém todos eles apresentam propostas enriquecedoras para o ensino de Arte.

No ano anterior, já havia realizado algumas atividades, mas agora estou incluindo os livros com maior frequência e consistência. Além disso, tenho adaptado algumas atividades para a realidade dos estudantes e da educação pública. Algumas vezes, para não deixar de realizar a proposta, acabo por assumir os custos dos materiais necessários, como, por exemplo, quando precisei comprar arame e alicate para confecção de móveis, na turma do 6º ano, ao estudar o artista Alexander Calder.



Figura 55 - Arte e Movimento: Móviles. - 6º ano. 03 Mai 2023. E.E. Leônidas Marques Afonso. Jaboticatubas. Acervo Pessoal

Figura 56 - Arte e Movimento: Móviles - 6º ano. 10 Mai 2023. E.E. Leônidas Marques Afonso. Jaboticatubas. Acervo Pessoal

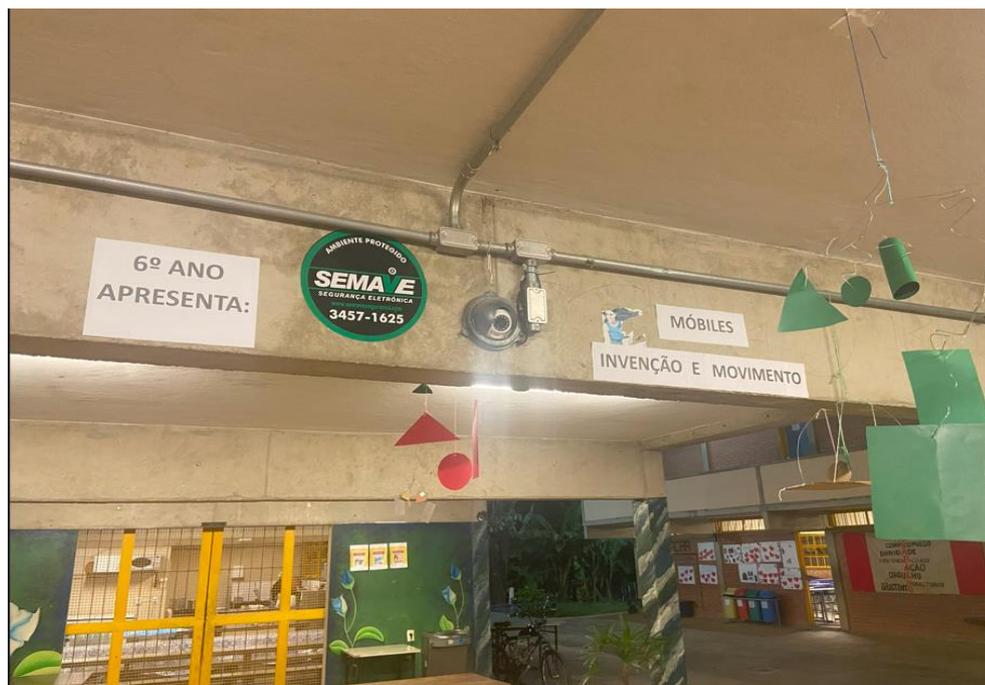


Figura 57 - Arte e Movimento: Móviles - 6º ano. 10 Mai 2023. E.E. Leônidas Marques Afonso. Jaboticatubas. Acervo Pessoal

Outra adaptação que julguei necessária, foi na turma do 7º ano: ao estudar padrões visuais, sugeri que os estudantes registrassem, através de desenhos de observação, os padrões que se repetem na escola. Esta turma, em específico, é uma turma onde a maioria dos alunos gosta de desenhar, possuem dificuldades em manter o “corpo disciplinado” e questionam sempre o uso do livro na aula de Artes e a “falta” de aulas práticas. Explorar o espaço escolar além das quatro paredes da sala de aula, acredito que foi uma experiência enriquecedora para os alunos, permitindo que eles saíssem da rotina e descobrissem novas formas de aprender, tornando o aprendizado mais significativo e estimulante, além de mais dinâmico.

No 9º ano, quando o tema em estudo era escultura, propus à nova turma o exercício de criar esculturas em sabão. A proposta que não havia funcionado conforme minhas expectativas no ano anterior, para minha surpresa, nesta turma, e neste ano, obtive um excelente resultado.

Os estudantes, em sua maioria, conseguiram levar os materiais necessários, prepararam esboços e “colocaram a mão na massa”. Uns com mais habilidades, outros com menos, mas ainda assim, todos participaram, inclusive o estudante que não é alfabetizado e possui bastante resistência para realizar todas as demais propostas.

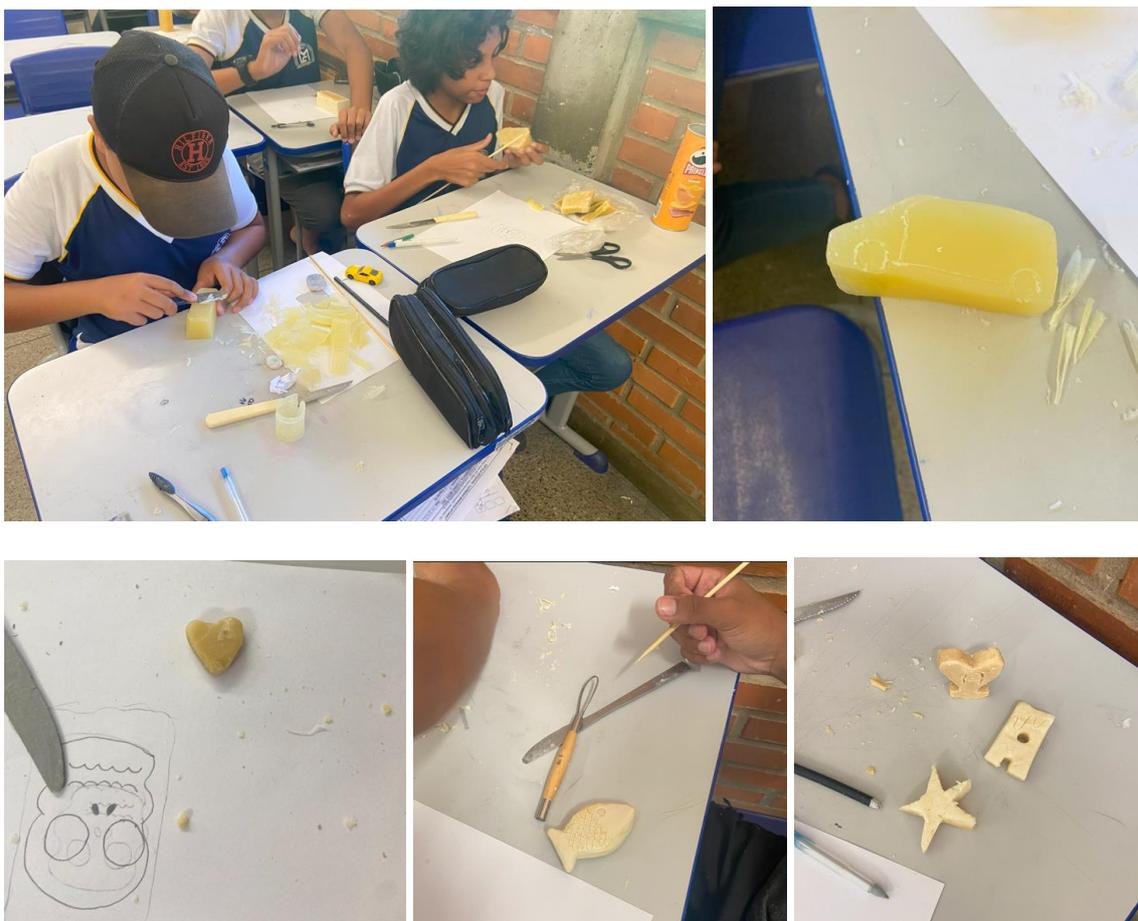


Figura 58, Figura 59, Figura 60, Figura 61 e Figura 62, respectivamente. Esculturas em sabão - 9º ano. 03 de maio de 2023. E.E. Leônidas Marques Afonso. Jaboticatubas. Acervo Pessoal.

Com isso, concordo com Daniele de Sá Alves (2021, p. 173) quando ela pontua que “desenvolver processos significativos no ensino da arte, experimentar abordagens, conhecer perspectivas contemporâneas, e criar sua própria metodologia para cada contexto educacional é o grande desafio de cada professor”.

Nos meus primeiros anos atuando como docente, senti muito medo, angústia e insegurança, ao lecionar. Tanto pelo contexto da pandemia, quanto pela pouca experiência. Hoje, apesar das dificuldades enfrentadas, percebo-me mais segura ao atuar como educadora. Ainda não me sinto efetivamente preparada, mas sinto que somente caminhando passo a passo, experimentando possibilidades, me conhecendo, conhecendo meus alunos e as realidades escolares, poderei me aperfeiçoar como professora e aprimorar minha prática educativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, compreende-se o artista professor como uma maneira de ser/estar em uma prática docente e na vida. A forma como enfrenta suas dúvidas, conflitos, tensões, na capacidade de avaliar-se, de reinventar-se e principalmente como lida com seus fracassos. Se o artista reflete o tempo todo sobre seu processo, sua poética, o professor deve avaliar-se e reavaliar-se também a todo momento, indagando-se sobre suas práticas pedagógicas e sua atuação. A poética é a reflexão necessária e essencial sobre a conduta criadora, sobre o processo de fazer, não sobre o objeto pronto (FACCO, GOULART, LAMPERT, 2017, P. 4163-4164 apud PASSERON, 2004).

Como jovem docente, enfrentei diversos desafios ao longo desses anos, procurando destacar, nesta pesquisa, as jornadas sobrecarregadas e os desafios enfrentados no cotidiano escolar, como a pandemia, lecionar disciplinas para as quais não possuo habilitação, lidar com a falta de recursos e estrutura adequada para o ensino de Artes, atuar com alunos de diferentes faixas etárias, desde crianças até jovens adultos, ministrar aulas para estudantes com formas de aprendizagem diversas e características econômicas e sociais divergentes, entre outros. Essas experiências me mostraram a importância de adaptar continuamente minha prática pedagógica, buscando estratégias para engajar os estudantes e despertar seu interesse pela arte e pela educação.

Diante das experiências vividas e descritas ao longo deste trabalho, pude compreender a importância do ensino da Arte na formação integral dos alunos, independentemente de sua faixa etária, e também a importância de inserir conteúdos de Arte de forma interdisciplinar em outras disciplinas que lecionei. Compreendi que a Arte desempenha um papel fundamental ao oferecer acesso ao conhecimento cultural, estimular a reflexão, a sensibilidade e a criatividade nas pessoas.

Além disso, destaquei a importância do meu papel como professora-pesquisadora-artista, que vai além da formação acadêmica e da atividade profissional. Mesmo tendo concluído a graduação em licenciatura em Artes Visuais, percebi a necessidade de manter meus estudos continuamente, participando de seminários, lendo artigos e outros trabalhos de colegas da área da Arte educação. Também busquei inserir em minha prática cotidiana a produção artística, não apenas como refúgio do caos em que estava inserida, mas também para fortalecer minha criatividade e melhorar minha forma de comunicação e expressão.

Através do ensino da Arte, tenho buscado promover mudanças na vida dos meus alunos, considerando suas particularidades e o contexto social em que estão inseridos. Estimulá-los em seu desenvolvimento integral, contribuindo para sua formação como cidadãos críticos e humanos sensíveis, capazes de expressar seus sonhos, necessidades, sentimentos e vontades.

Apesar das dificuldades enfrentadas cotidianamente, seja no ambiente presencial, híbrido ou à distância, na escola pública ou privada, tenho desenvolvido a segurança e o comprometimento necessários com minha trajetória de educadora. Reconheço as mudanças presentes em minha atuação profissional, em minha forma de pensar e em minha essência, assim como a melhora notável na relação com meus alunos. Acredito que o ensino da Arte deve ser valorizado e reconhecido em todas as instâncias, tanto no espaço escolar como na construção de políticas educacionais, como uma área essencial na educação, capaz de potencializar o aprendizado dos alunos e promover transformações significativas em suas vidas.

O objetivo deste trabalho foi contribuir para a reflexão e o aprimoramento das práticas educacionais em Artes, especialmente sobre as Artes Visuais. Espero que as reflexões apresentadas aqui inspirem outros educadores a valorizar a Arte em seus currículos, proporcionando uma educação enriquecedora para seus alunos, além de reconhecerem a importância da função que exercem na sociedade.

Além disso, reconheço a importância contínua do meu próprio desenvolvimento profissional na área de ensino da Arte. Pretendo continuar buscando aprimoramento e formação, a fim de oferecer experiências cada vez mais significativas e enriquecedoras para os meus alunos. Acredito que, por meio do ensino, pesquisa, produção e vivência da arte, podemos promover mudanças na realidade de inúmeras pessoas, contribuindo para uma sociedade mais sensível e criativa.

REFERÊNCIAS

33 Bienal de São Paulo: **afinidades afetivas: convite à atenção**/ [Fundação Bienal de São Paulo [et. al.]; curadoria: Gabriel Pérez-Barreiro] São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2018.

ALVES, Daniele de Sá. **Entre experiências e Criações**: ensinar e aprender arte como processo de formação. Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Vitória - Espírito Santo, v. 27, n. 2, p. 163-179. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/37271>> Acesso em 27 Jun 2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FACCO, Marta; GOULART, Tharciana; LAMPERT, Jocielle. **A pesquisa em arte na arte educação**: reflexões sobre “invenções” no ateliê de pintura. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017, p. 4161-4174.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de Artes**: fundamentos e proposições. 2ª edição. São Paulo: Cortez. 2009

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34ª edição. São Paulo. Paz e Terra: 1996.

HOOKS, Bell. **Educação Democrática**. In: Educação contra a Barbárie. Org.: Fernando Cássio. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2019. p. 199-207

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOYOLA, Geraldo Freire. **Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais**. In: PIMENTEL, Lucia Gouveia (org.) *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 4*. Belo Horizonte: CEEAV/EBA/UFGM. 2011. P.05-14

MARTINS, Mirian Celeste. **A inquietude de professores propositores**. 2010. Educação. Santa Maria. v. 31, n. 2, 2010. p. 227-240. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/1540>. Acesso em: 12 Jun 2023.

MARTINS, Mirian Celeste. **Antídotos para “alergias pedagógicas”**: a ação e o conceito muito além da atividade e do conteúdo. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás, Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2388-2404

PONTUAL, Pedro de Carvalho. **Educação Popular e participação social**: desafios e propostas para hoje. In: Educação contra a Barbárie. Org.: Fernando Cássio. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2019. p. 159-164

SANTOS, Náyade Ângela Gonzaga de Oliveira. **Entre a arte e a astrologia**: arquétipos como disparadores do processo criativo. Orientadora: ALVES, Daniele de Sá. 2018. 75f. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais, Escola de Design (ED), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Belo Horizonte, 2018.

SÃO JORGE. Intérprete: Mc Tha. Compositores: PINHEIRO, Paulo César; AZEREDO, Claudinho. Título da música: São Jorge. Ano de lançamento: 2022.

Secretaria do Estado de Educação. **Currículo Referência de Minas Gerais**. SEEMG. 2018

Secretaria do Estado de Educação. **Documento Orientador do Ensino Médio em Tempo Integral**. SEEMG. 2022.

Secretaria do Estado de Educação. **Planos de Estudo Tutorado (PET)**. SEEMG. 2020.